

ILUSTRAÇÃO

N.º 196 — 9.º ano



O CARNAVAL DE HOJE

(Composição fotográfica de San Payo)

6-FEVEREIRO-1934

PREÇO-5 escudos

Sensacional novidade literária

O empolgante romance de

GUIDO DA VERONA

**MIMI BLUETTE
FLOR DO MEU JARDIM**

**A vida aventureosa, amorosa e
trágica duma grande bailarina**

*Romance dum amor verdadeiro que leva à renúncia
duma vida faustosa e de prazer*

Interessante descrição duma viagem através do deserto —
: : Impressionante relato dum combate com selvagens : :

LIVRO INCOMPARÁVEL

que atingiu já na edição italiana

250 MIL EXEMPLARES DE TIRAGEM

e na edição espanhola 40 mil. Traduzido também em
francês, inglês, alemão, tcheco, etc.

Tradução portuguesa do Dr. CAMPOS LIMA

Capa a cores do pintor ROBERTO

**VIDA — AMOR
PAIXÃO — RENÚNCIA**

1 vol. de 310 páginas, broch. Esc. 12\$50; encad. Esc. 17\$50

Pelo correio, à cobrança, mais Esc. 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



No dia em que o mundo inteiro conheça os magníficos resultados da Cafiaspirina não haverá mais sofrimentos por causa de dores de cabeça, dores de ouvidos, dores de dentes etc. A Cafiaspirina é absolutamente inofensiva para o organismo.

Cafiaspirina



ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 50 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

Acaba de sair a
nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução
Profissional

1 volume de 344 páginas,
283 gravuras e 91 estam-
pas. Encadernado em per-
calina. Esc. 30\$00. —
Pelo correio à cobrança,
Esc. 32\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ACABA DE SAÍR:

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

DE ALEXANDRE HERCULANO

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00
enc. 17\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à

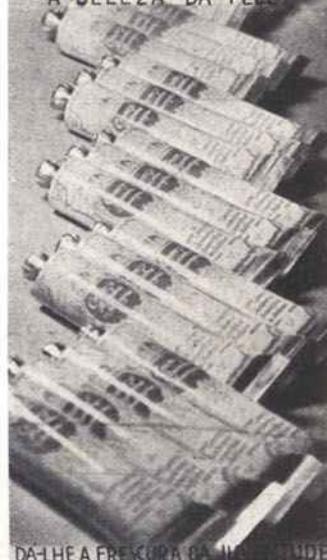
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

USE O CREME

Rainha da Jungria

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DA-LHE A FRESCURA DA JUNGRIA



M. CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELLEZA

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. 12\$00
Encadernado . . . Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não póde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de **100:000** vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Taveira

Um volume de 670 páginas,
 encadernado em percalina
 Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Última novidade literária

O livro duma das mais distintas escritoras portuguesas

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
 encadernado 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

THERMOGÈNE

GERA
O CALOR



E
COMBATE

Tosses — Gripe — Bronquites — Reumatismo — Pontadas — Lumbagos, etc.

MODO DE USAR. — Aplicar o Thermogène sobre a parte dolorosa, tendo cuidado que a camada de algodão adira bem à pele. Para obter uma acção mais rápida e mais enérgica, salpicar o Thermogène, antes da sua aplicação, com um pouco de água ou álcool.

O Thermogène substitui, com vantagem, os cataplasmas, sinapismos, emplastros, linimentos, vesicatórios e outros revulsivos, cujas propriedades reúne, sem ter os seus inconvenientes

AGENTE PARA PORTUGAL E COLONIAS: **RAUL GAMA,**
31, R. dos Douradores — LISBOA

A figura acima do PIERROT EXALANDO FOGO deve encontrar-se no verso de cada caixa

ATENDAM
NISTO
Senhoras

Podíamos apresentar a MAIZENA DURYEA com uma embalagem rica, podíamos adicionar-lhe productos quimicos e essencias, e vende-la por vinte quando não valeria mais de dois, mas nós não alteramos o seu fabrico, por sabermos que tal qual é, e sempre foi apresentada, é a farinha mais completa oferecida até hoje, para alimentação das creanças, dos doentes e das pessoas idosas.



A MAIZENA DURYEA

é um alimento natural, rico em gluten, em proteínas e hidratos de carbono. Absolutamente pura, inofensiva e assimilável mesmo ministrada na idade mais tenra da creança, ou no organismo das pessoas debilitadas. A MAIZENA contém todos os elementos nutritivos necessários para tornar sólidos os tenros ossinhos, e dar vigor aos delicados musculos da creança fazendo-a crescer

robusta e sadia. Sirva-a com frequencia aos seus filhos na certeza que lhes estará dando o melhor alimento que existe. A sua embalagem simples, permite-nos vendê-la por um preço acessível mesmo aos menos protegidos da fortuna. Pergunte ao seu medico a sua opinião e ele lhe dirá a confiança que deposite na MAIZENA DURYEA.



A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e regente-as—se não quer pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga aplicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.

CARLOS DE SA PEREIRA, Lda., Rue dos Sapateiros 115, 2°, LISBOA
Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome.....
Morada.....
Localidade..... Port. 1

À venda a 4.ª edição

TERRAS DO DEMO

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 332 págs., brochado..... **12\$00**
Encadernado..... **17\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

O nervosismo de Paris na primeira semana deste mês levou muitos a supôr iniciada a hora da violência que há-de alterar os costumes e leis do povo francês. Julgaram tratar-se do trabalho de parto que daria o varão forte, capaz de modificar as prespectivas desagradáveis, presentes a todos os olhos. Já uns o diviavam empunhando o martelo, outros o feixe de varas.

No fim apareceu um homem a sorrir, amável, conciliador, em geitos de quem diz "não vale a pena fazer tanto ruído, nem quebrar os móveis que custaram a adquirir".

O bom Doumergue convidou os exasperados à calma, mandou-os sentar e vai decerto convencê-los de que precisam mudar de sistema. E assim terminará por agora a balbúrdia em que se pretendeu ver uma nova tomada da Bastilha.

De facto se as cautelas não fôsseis consideráveis e oportunas, bem podia acontecer que o assalto ao Parlamento desse de si alguma cousa de vulto. O Luís XVI actual possuía mais vigor que o do século XVIII e a isso talvez se deva os acontecimentos não tomarem desde já a feição terrível que se temeu.

O que virá depois não se sabe. A crise permanece. Ninguém prevê quanto durará, nem como acabará, dada a grave contradição que dentro encerra.

O povo francês ama a liberdade, uma certa forma de liberdade que a sua revolução lhe trouxe. Isso não o impede de detestar o parlamento que considera a fonte perene dêsse bem inefável. Não se mostram de fácil harmonia os dois sentimentos.

Acha-se pois em face de um dilema, aflige-se, enerva-se sem encontrar a solução.

Agrada-lhe dizer mal do govêrno, rir-se dos ministros, insultar os deputados, as autoridades, conjugar à vontade o verbo ter, ou possuir, no respeitante à sua pessoa e bens. Ao mesmo tempo desespera o que os homens de partido e os de negócio se constituam em sindicato para lhe roubarem o pecúlio e disporem em proveito pessoal, do que deve pertencer a todos.

Daqui resulta haver sempre quem acuda ao grito de "morrão os ladrões," muito bem decidido a salvar os perseguidos pela porta do quintal.

Foi o verificado agora repetindo o passado com Clemenceau e Poincaré, outros varões fortes que o tino de Paris soube escolher no momento difícil.

Já esta crónica há tempos previu que tal seria a maneira francesa de operar com a ditadura. Outra muito diversa, segundo,

CRÓNICA DA QUINZENA

os modelos russo, alemão, ou italiano não calha ao seu paladar.

E bem pode ser que o presente ou o seguinte Doumergue realizem a transformação do Estado, neste momento começada em todo o mundo.

O sistema do século XIX faliu por insolência moral dos parlamentos, onde apenas conseguiu cultivar-se o utilitarismo pessoal.

A França reconheceu, como as demais, a necessidade de um govêrno que represente a colectividade e não os interesses de grupos particulares. Traz em andamento a reacção política de que sairá a nova lei estatutária.

Pode prever-se que há-de encontrá-la dentro da justa medida, por ser o peculiar ao seu espírito e temperamento.

Seja uma cara sorridente, à Doumergue, ou sisuda, tipo Poincaré, a anunciá-la, o certo e seguro é que não tardará dois credos a transformação considerada inadiável.

O pessoal bulhento que desempenha a comédia da defesa do bem público, perdeu de todo a graça e o prestígio. A pateada cobre-lhes a voz e já compreenderam que só lhes resta, desaparecer do tablado.

O parlamento de assalto acabou em França, como em todo o mundo.

Não existe outro fenómeno por emquanto a registar.

Mais um carnaval acaba de corroborar o facto desolador de que o povo português não sabe rir, folgar, alegrar-se como os demais. Perdeu o geito e agora não acerta com a manobra que outros executam, espontânea, sem darem por isso.

Em toda a parte o gaudío, o divertimento brota nas multidões como o suor. Saídas à rua, basta encontrarem-se para sentirem a graça inundá-los. A necessidade de entreter, de aliviar o espírito satisfaz-se sem esforço.

O povo português ignora a prática dêsse serviço indispensável.

Sente como todos a fome de riso que representa para a alma o mesmo que o pão para o estomago; sai à procura do

cibo desejado e regressa a casa pior do que saiu. Caminhou, estacionou, colheu fadiga, sem achar um raio tenue de satisfação que lhe alumiasse o contorno dos lábios.

O Carnaval de 1934 parecia querer celebrar, como os anteriores, o entêrro da alegria.

Triste, enfadonho, estúpido reproduz, no som e movimento, a geral aparência das manifestações deste povo. É também assim a procissão, a romaria, a feira, o cortejo cívico.

Prova de que, a mais do alfabeto, também se precisa de ensiná-lo a fazer a festa, quer dizer a alegrar-se e a rir.

Não se procura escrever um paradoxo. Fala-se a sério. Existe, fácil de encontrar, o método de ensiná-lo. Assim haja quem, devendo e podendo fazê-lo, queira tomar o encargo de promover a execução do benéfico serviço.

Vieram à luz mais alguns metros de monumento ao Marquês. São quatro faces rectangulares, em forma de lauda, cheias de letras. Ignora-se o que dizem, porque ninguém atura ler semelhante panturra de palavriado.

É crível, pelo formato e proporções, que represente o rol da lavadeira à frente vista com um lençol no ar, em geito de quem sacode, ou bate roupa no tanque. Talvez seja êste o símbolo porque abaixo da rapariga rumoreja água corrente. Aceita-se e condiz com o resto.

Próximo assentaram a cozinheira com o espêto de assar leitões, ao lado os animais domésticos, boi, cavalo, não se sabe se também a galinha e a ovelha a quem assiste igual direito.

Foi à dona de tudo isto que a retórica do século passado chamou "rainha do oceano".

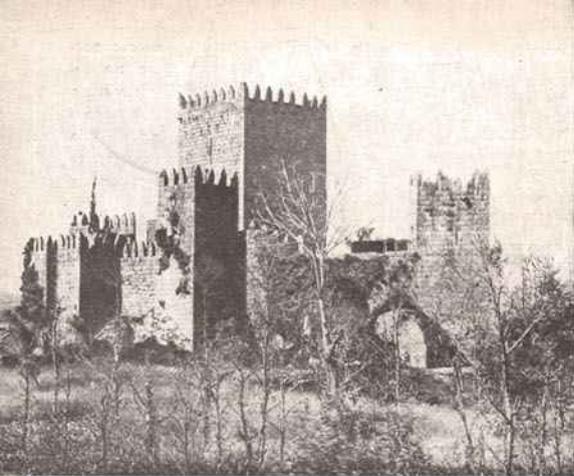
Pobre filha do Tejo, mais valia chamar-lhe guardadora de gado.

É certo que o confiante Herculano não assistiu ao atravancamento da Avenida pelas abantesmas que lá deposeram. O autor do Eurico não viu o bebedo do Chiado, a Morgadinha, o Garoto em ce-roulas, o Jogador de chinquillo, nem o Domador de feras, comemorativo do Marquês.

Não viu e por isso morreu mais feliz do que nós havemos de morrer.

Lisboa, terra de fadistas, arranjou mais um triste fado para cantar aos arrancos. Intitula-se, "Choradinho da Avenida".

Samuel Maia.



O castelo de Guimarães

com os outros, a-pesar-de ser já longa a nossa nacionalidade, nota-se uma grande deficiência de monumentos erigidos a reis, no que não pode haver censura nem pode considerar-se injustiça, porque uma grande parte dos reis também foi deficiente na sua

COMO todas as nacionalidades, que perpetuam os grandes vultos, tem Portugal também erigido monumentos àqueles homens que, como portugueses, muito se distinguiram e elevaram por qualquer circunstância heróica ou digna de renome.

Se não têm sido esquecidos os guerreiros que, com a sua espada e a sua ardente vontade, valentemente souberam expor a vida a favor da Pátria, também não têm sido esquecidos aqueles que, inteligentemente e abnegadamente, se sacrificaram em prol da ciência, nem aqueles que, com o seu talento, souberam enriquecer a arte ou deram maior relevo às letras. Assim o atestam as estátuas de Afonso de Albuquerque, Sá da Bandeira, Camões, Eça de Queiroz, Sousa Martins e muito outros.

Se compararmos, porém, o nosso país

ação heróica a favor da Pátria, e outra foi enfim mais ou menos aureolada com a heroicidade, honra e prestígio que foram alcançados por outros.

Parece haver, porém, esquecimento, ingratidão ou injustiça no que diz respeito àquele vulto, grande, épico, tenaz, de vontade firme e de tempera rija, e a quem no baptismo puzeram o nome de Afonso Henriques.

Tirando o modesto monumento que lhe levantaram em Guimarães e o seu singelo túmulo, em que descança em Coimbra, nada mais que honre o nome daquele que, desde a infância até à velhice, corajosamente soube talhar a golpes de montante a nossa nacionalidade.

Senhor dum condado e desejando constituir um reino, escalou muralhas, conquistou castelos, fez razias, deu assaltos, ganhou batalhas e assim pouco a pouco, tenazmente foi alargando o território a que se chama Portugal.

Não o dão os cronistas como atreito a gosos nem a prazeres da corte. Os seus gosos consistiam em tingir a enorme espada no sangue dos sarracenos, em ferir as mãos nas escaladas às fortalezas, na maneira astuta como descobria a maneira de melhor domar o inimigo, e, nos pequenos intervalos de luta a luta, o grande prazer de ter junto mais um pedaço de terra ao terreno já conquistado.

Desde os catorze anos até aos oitenta, em que a morte o levou, trabalhou continuamente, sem descanço e sempre impedido pelo elevado espírito de revolta contra tudo que não fôsse o aumento e completa independência do torrão lusitano.

Começou por conhecer-lhe o espírito rebelde a própria mãe. Vencendo-a nos

O FUNDADOR DA NACIONALIDADE Deve levantar-se a D. Afonso na cidade

campos de S. Mamede, ficou ela por completo inteirada de que o leão, ainda que novo, tinha a juba forte de mais para que pudesse sujeitar-se à sua vontade e à vil dependência de fidalgos galegos. Com os louros de S. Mamede não fica porém, o infante revoltado, inativo. É que um vulto, mais forte do que sua mãe, o provoca também à luta. É D. Afonso VII, seu primo, a quem quer englobar no seu reino de Leão e Castela o que já pertencia aos portugueses. Porém o audaz leão não desanima. Responde à pretensão, invadindo com as suas hostes a Galiza. A-pesar-de alguns reveses, toma Celmes, e passado tempo Cerneja.

E, como se o destino quisesse pôr bem à prova aquele génio indomável, insubmisso, tão cioso da sua suzerania e da intangibilidade e mais expansão dos seus domínios, outra força oposta lhe aparece e que ele, com a sua espada e a sua vontade de ferro, tem de afrontar e gloriosamente submeter. É que ao sul, o país nascente achava-se fortemente ameaçado pela invasão dos sarracenos. A ocasião era-lhes propícia: aproveitando a preocupação de Afonso Henriques com as suas lutas na Galiza, ei-los em frente do castelo de Leiria, que conquistaram, e cuja façanha lhes daria mais alento se o



D. Teresa de Leão

NACIONALIDADE um monumento Henriques de Lisboa

leão não rugisse de novo, e agora com mais força.

Era preciso afastar a onda sarracena. A Providência, porém, neste momento, abandona-o. É que Afonso VII invade-lhe o território, achando-se portanto, agora, o audaz lutador entre dois fogos. Só havia um caminho: abater o leão a juba, pedindo a paz ao cristão para ir combater o mouro.

Concedeu Afonso VII a paz, o que ponde levar o intrépido combatente aos campos de Ourique. E aí o seu génio brilhou e venceu, e aí foi proclamado rei.

Não cumpriu, porém o rei português a promessa que fizera. E eis, por isso, Afonso VII, ofendido, a invadir mais uma vez Portugal. Mas o bravo rei português, ainda que colocado entre dois inimigos, não fraqueja, não hesita. Intermopida a peleja com os sarracenos, corre ao norte e põe um freio, para sempre, nas ambições de Afonso VII. Com



Monumento a D. Afonso Henriques, em Guimarães

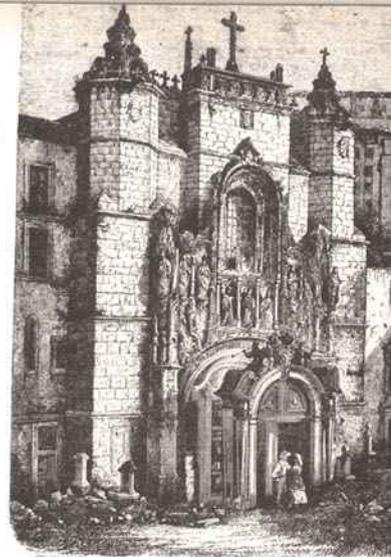
a derrota dos leonezes em Valdevez, não mais lutas com Afonso VII, seu primo e rei de Leão e Castela.

E até que por fim se faz a paz definitiva entre os dois Afonsos, em Zamora. Achava-se, por isso, o leão agora livre, sem grande obstáculo, para melhor poder dirigir o indomável génio numa única direcção. No norte já não havia perigo; o sul é que agora o preocupava. Afia mais a espada, eriça mais a juba, e ei-lo numa luta tenaz, persistente, feroz, contra os sarracenos. Éte próprio escalar, pela calada da noite, o castelo de Santarem; e aí dirige, inculcote ânimo, assalta, vence.

Depois, uma série sucessiva de vitórias. Favorecido pela sorte, depara-se-lhe, providencialmente, uma esquadra de cruzados, que o auxiliam na tomada de Lisboa. Toma depois Sintra, pondo em fuga os sarracenos do seu castelo forte, extenso e que parecia inexpugnável. Expulso o inimigo a norte do Tejo, era preciso repeli-lo das povoações que ocupava a sul. Atravessa para isso o Tejo; e, com a estrêla que o guiava sempre fulgurante, conquista Almada, Palmela, Alcácer, Beja, Évora — ainda que esta cidade, passado tempo, caísse novamente na posse dos sarracenos, e depois outra vez conquistada para os cristãos por Giraldo — sem-pavor.

Sendo certo que, uma ou outra vez, não ficou vencedor, não recua nem desfalece a sua vontade forte. E, com essa vontade sempre a convergir para o engrandecimento do país, corajoso e intrépido, sucessivamente toma Coruche, Alconchel, Moura e Serpa.

E, assim, arrojadamente, avançando e conquistando, palma o palma, o território que definitivamente devia constituir a nação portuguesa, chegou o leão já cançado e quasi velho, às portas do Algarve. E foi a idade — e um revez e um ferimento que sofreu em Badajoz — que lhe fizeram abater a juba. Deixou, por isso, a conquista do Algarve aos reis que lhe sucederam, o que conseguiram. E até que a morte levou o intrépido conquistador, aquele guerreiro trabalhador,



A Igreja de Santa Cruz, em Coimbra

destemido, incansável e que tão ousadamente fez surgir, luminoso, o glorioso sol da nossa nacionalidade.

Não foi, pois, rei para se sentar num trono já feito e disfrutar as comodidades e regalias já preparadas. Não o viram na corte, pomposamente, gentil e donairoso, ora gastando a ociosidade na conquista de mulheres, ora distraíndo-se em aparatosas caçadas, ora apaixonado de vistosos torneios, ao som de trombetas, atabales e sacabuxas.

Pouco inclinado à vida faustosa e quasi indiferente à vida caseira, mesquinha, teve a sua alma um sonho elevado e deu-lhe realidade. É que foi ele que, com o seu pulso forte, numa luta persistente, árdua, duradora, teve de desbravar e alargar o mato, onde depois os portugueses, independentes e com a sua civilização, tinham de viver.

Parece, pois, que este português bem merecia, até hoje, qualquer monumento condigno, na capital do país por que tanto trabalhou. Dos reis portugueses tem o Porto a estátua de D. Pedro V, porque se fez justiça à sua bondade e tem Lisboa a estátua de D. Pedro IV, porque foi liberal, e a de D. José, "porque teve um bom ministro". E, no entanto, que bem ficaria, na linda cidade de Lisboa, a estátua daquele em frente de cujo túmulo nos devemos postar, respeitosos, lembrando com admiração o seu patriotismo e a coragem com que, para formar uma pátria, tenazmente pelejou e heróicamente venceu.

Coronel Pais Mamede.



D. Afonso Henriques

O Carnaval lisboeta visto por um poeta brasileiro

É domingo de Carnaval, já no seu quasi crepúsculo.

Abro a minha janela que espia esta avenida larga — e aspira. Fundamente aspiro, como um fauno de espina aspira o rastro de uma «fourrure» perfumada que passou. Quero sentir, no ar leve e frio deste portal de Europa, aquele cheirinho de éter que é toda a atmosfera carnavalesca, todo o oxigénio de que precisamos aí para viver o Carnaval; quero descoltir, neste cheiro de cidade velha e fechada, moçada de inverno, aquele «bouquet» éterizado de que usa a quente «dame écrole» (madame a son mélange...) que Portugal descolriu — «acécias», «dilas blanc», «bouquet des chaps», «tréfle-à-quatres», «peau d'Espagne», «héliotropes»... Nada. Apenas um cheiro de cidade, um cheiro de humanidade...

Oito estudantes passam, de batina e capa, atrás de uma guitarra. Cinco crianças vestidas pelo manequim de Lenci (organdi e feltro recortado) são levadas em automóveis para uma «matinée» infantil. Uma charanga monárquica, fardada de azul-vivo e branco, quebra uma esquina, partindo o silêncio da tarde com seus pistões niquelados. Dois fidalgos, montados à Mariatva, nobiliarquizam um pouco o arzinho mestre-de-obras destas Avenidas Novas...

Fecho a janela e abro um jornal do dia. Trás duas crônicas de Carnaval. Fala-se, aí, do passado: dos tempos do «ché-ché» — figura típica do entrudo lisboeta — quando, no Chiado, zuniam os tremoços e os cartuchos-de-pó e os ovos-de-cinza... E fala-se muito numa «alta de vocação para a alegria»; na obrigação histórica da saúde; no «choradinho»; num «sebastianismo mórbido tornado instituição nacional»; num «ar dramático de quem suporta fatalismos ou destinos que não provocou nem the agrada»; num «povo enfadado e sorumbático»... etc...

Ah! Então é por isso? É assim, então? E eu que pensava que sómente lá no meu sul, lá naquele planalto paulista tão naturalmente sózinho entre montanhas isolantes; sómente lá, no tédio longo e gris da avenida paulista, com o seu «corso» de «limousines» pretas, enquadrando seriedades adoráveis, também de preto; sómente lá o Carnaval era triste...

Que bom! que consolo! Cá e lá...

A propósito: — ainda há pouco, neste dia de Carnaval, em casa de um amigo português, cometi a «gaffe» bem «métique» de elogiar o «fado». O português, meu amigo, horrorizou-se logo: disse-me que o fado era uma coisa inaudível.

— O samba, sim! Fale-me disso! Este, por exemplo...

E cantarolou, para eu ouvir, um samba brasileiro, velho e péssimo. E eu tive que interromper:

— Perdão, meu amigo! Cá e lá maus fados há!

O Carnaval passou por esta Costa do Sol, como passa um «frisson» pelas costas alvas de

Guilherme de Almeida é em nome literário no Brasil. Poeta consagrado pelo público e pela crítica, é membro da Academia Brasileira de Letras. A política trouxe-o até Lisboa. Aqui esteve alguns meses. Do que ia vendo, escreveu crônicas para o Brasil. Agora juntou-as em volume. Denúncia o sugestivo título de «O meu Portugal». Dêse apinhado de artigos, damos hoje aos nossos leitores um deles, que se refere ao Carnaval lisboeta. Tem lábita a actualidade. Guilherme de Almeida, é uma das figuras de maior relevo nas letras brasileiras. É um poeta. Como poeta escreve em prosa. Esta crônica, que hoje estampamos no nosso jornal, é uma alta proficácia de quem as escreve.



Guilherme de Almeida

Aí eu ouvi a malandragem crioula daquele:!

*«Infelizmente eu trabalho muito...
Infelizmente eu trabalho muito...»*

Aí se esparramou o «humour» suado e melengo da brincadeira «libresca» daquele:

*«Queria te ver no Inferno
De ventarola...
Que boa bolota!»*

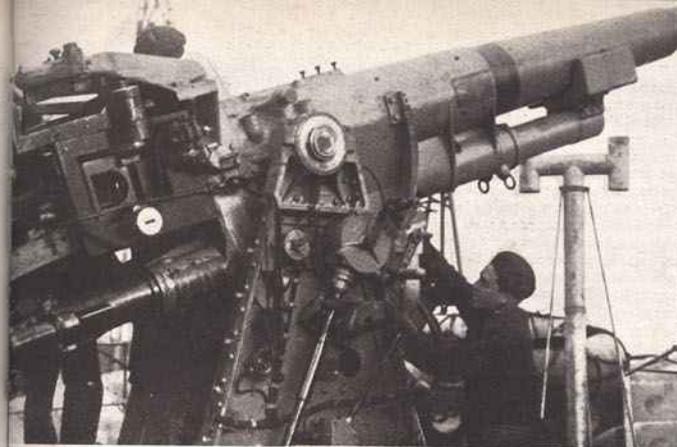
Aí se exalou e rodou no ar, como um perfume bezzuntado e doce de Oleo de Oriza derretido de sol numa gaforinha bem piccham, este amorzinho pardo do «Mulato de Qualidade»:

*«Tenho amor, tenho carinho,
Tenho tudo, até paucada...»*

Aí...

Ah! Aí eu senti aquela melancolia arrependida que é a pior espécie de saúde: a saúde de uma coisa que a gente não teve. Sabem? O «spleen», a desastrosa tristeza daquelas fotografias tardias que as revistas daí costumam publicar dias, muitos depois da Cinzas, sob o título «Ecos do Carnaval?». Foi isso que eu tive: mas sem imagem; tudo em sons. Foi como se, fechado no escuro de uma sala de cinema, eu assistisse, mas de olhos vendados, a um filme sonoro...

Guilherme de Almeida.

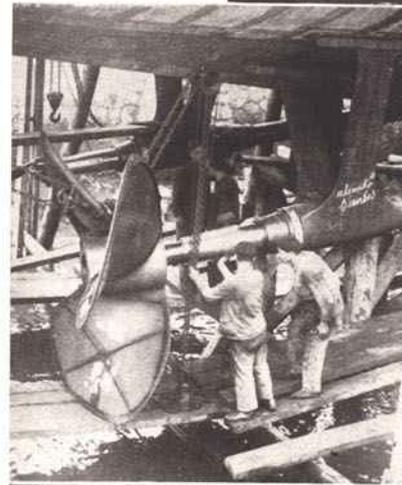


Em cima: um dos canhões de maior calibre do contra-torpedeiro «Tejo» durante a montagem

A direita: dois dos canhões de 120mm do novo barco de guerra

Em baixo: a colocação das hélices

No final da página: o contra-torpedeiro «Tejo» navegando a grande velocidade na baía de Setúbal, durante as provas de mar



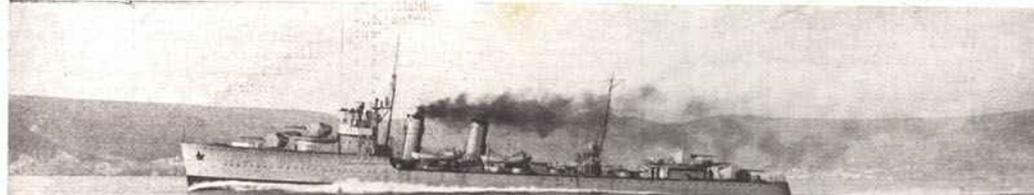
Está concluído mais um navio do programa naval em execução: o contra-torpedeiro «Tejo», construído em Portugal e por operários portugueses, nos estaleiros da Sociedade de Construções Navais, navio que, por sinal, não ficará, bem como o «Douro» pertencendo à Armada Portuguesa, pois foram os dois cedidos, em condições especiais, à casa inglesa Vickers, que assim o pediu ao governo português, para satisfazer uma encomenda urgente que teve de um país sul-americano.

O sr. dr. Oliveira Salazar e o ministro da marinha sr. comandante Mesquita Guimarães, resolveram de acordo com os restantes membros do governo, autorizar essa cedência, atendendo à que, a construção em Lisboa de dois novos barcos para substituir estes, vem garantir, durante dois anos, trabalho a cerca de mil operários portugueses.

O «Tejo» e o «Douro» são os dois maiores barcos construídos em Portugal, desde 1910. Pelo seu acabamento e perfeição de toda a montagem, eles representam legítimos títulos de orgulho para o operário português e vão honrar lá fora a indústria nacional. Com a velocidade máxima de 37,2 milhas à hora e com uma artilharia que atinge 22 quilómetros, o «Tejo» e o «Douro» levarão ao país a que destinam uma bela e perdurável prova do progresso português.

Deslocam 1.600 toneladas, medem cerca de 100 metros de comprimento e são artilhados com 4 canhões de 120mm, 3 anti-aéreos de 40mm, 8 tubos lança-torpedos e 2 lança-bombas de profundidade contra submarinos cada um.

O raio de acção de cada um destes contra-torpedeiros é de 5,500 milhas, a velocidade de cruzeiro, que é de 15 milhas.





O sr. João Saraiva—livre homem de letras e poeta—indo a sua conferência

A crítica dentro e fora de Portugal, colocou-o definitivamente na galeria dos nossos maiores

homens de letras. Divino lhe chamaram os contemporâneos, e divino lhe continuaram a chamar os seus admiradores. Mas o divino Garrett teve fraquezas bem humanas. Os contemporâneos acusaram-no de ter perturbado, com o seu feito apaixonado a tranquilidade de alguns lares. Gomes de Amorim, seu biógrafo, pretende atenuar as culpas que ele teve neste capítulo, atribuindo-as não a Garrett mas à corrupção que lavrava na sociedade dêsse tempo. Não interveio na contenda. Limito-me a assegurar que ainda depois dos cinquenta anos, Garrett se deixou abraçar por uma dessas paixões que perturbam a razão dos homens,—paixão que o devia torturar com os mais crueis ciúmes. Em certa altura, Garrett rompeu com o objecto da sua louca paixão. Uma súbita misantropia invadiu-lhe a alma dilacerada; e o austero Herculano, seu velho amigo, recolheu-o em sua casa, na Ajuda, para o distrair de fúnebres pensamentos. O que depois se passou, di-lo Herculano ao amigo de Garrett, Gomes de Amorim, quando este, depois da morte do Mestre, procurava elementos para a sua biografia.

Lerei um trecho dessa carta: «Quería vêr se achava a carta de Garrett que precedeu a sua vinda para minha casa, porque desejava mandar-lha. Outras occupações mais instantes obstavam a busca pontual que pretendia fazer. Fila emfim, e quasi estou desengañado de que já não está em meu poder. Como isso foi não sei.

Essa carta foi o resultado dum vivo desgosto com...»

O homem fazia dól. Bem sabe que Garrett morreu (em certas relações) com os mesmos vinte e cinco anos que tinha trinta anos antes. Quería vir preparar-se aqui para a solidão; queria ir viver no campo, dizer *café* a Lisboa, mas

sobretudo desabafar comigo. Veio. Fui tão asno que andei com êle a procurar uma vivenda rústica. E o desabafo? Nunca me disse uma palavra sobre as causas daquelle excesso. Começou a sair à tarde e a vir alta noite, a ficar em Lisboa e a reaparecer inesperadamente; depois a obrigá-me a ir com êle passear, o que me incomodava soberanamente porque eu trabalhava então muito (prova real de que era um chapado asno, como acima disse). Nos nossos passeios, (por via de regra sobre a estrada de Pedrouços) tínhamos quasi sempre a fortuna de encontrarmos...

O carrinho parava; o nosso eremita em projecto punha o pé no estribo do carro, e eu fartava-me de passear sózinho, até que o meu Santo Antão futuro acabasse o colóquio. No fim de três ou quatro meses depois, voltou para Lisboa, sem me dizer nunca, nem porque tinha vindo nem porque se ia.

Devemos confessar que o quadro é impressionante: no meio da estrada de Pedrouços, com o pé no estribo da carruagem onde se oculta a sua dama, Garrett, em labaredas de paixão, derrete-se num interminável colóquio; e mais adiante, o austero Herculano passeia de um lado para outro a resmungar lá por dentro contra o papel que está a fazer:—aquele papel que a locução popular, que êle muito bem conhece, atribui a determinado pai, de que os cabeleiros se servem na confecção das suas perrucas. E um quadro a que só falta a assinatura de Gavarni.

Outra fraqueza de Garrett, foi a exagerada preocupação com a elegância do traje. Nos seus papéis encontrou Gomes de Amorim numerosa correspondência com representantes de Portugal, sobretudo em Paris e Londres, na qual se trata de encomendas que lhes fazia de determinadas peças flamantes do vestuário;—gravatas, coletes de fantasia, camisas, lavas de Jouvín, meias, sapatos de baile, etc.

Neste campo de elegâncias, Garrett teve, porém, um rival de respeito. António da Cunha Soto Maior, fidalgo de raça e homem de espirito, deslumbrava os contemporâneos com a elegância inaudita dos seus hábitos, das suas ostentosas equipagens, que êle mesmo guiava com grande aprumo. Gastára três grandes heranças numa vida desperdiçada de luxos caros. E no Parlamento, onde era temido pela audácia dos ditos de espirito, teve um dia de terçar as armas da sua oratória, com o divino Garrett que não lhe perdoava a intenção de o amesquinhar

O Grémio Literário—colectividade de tradições—reatou há dias o ciclo de conferências, que, desde o seu início, vinha realizando, e que tinham sido interrompidas, devido a circunstâncias várias. Inaugurou a nova série de palestras o conhecido poeta João Saraiva, que falou sobre «O Grémio Literário, seus fundadores e sócios». Durante duas horas a numerosa assistência viu passar na sua frente as figuras mais notáveis daquelle instituição. Depois de fazer a história da fundação do Grémio—que contou Alexandre Herculano no número dos seus fundadores—descreveu a acricidade exercida pelos seus sócios, quer sob o aspecto literário, quer social. Publicamos dois trechos do notável trabalho de João Saraiva. Por êles, passam as figuras de Garrett, Herculano, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Cirilo Machado (Visconde de Santo Tirso) e outros.

EVOCANDO A história e de alguns do Grémio

como homem do mundo. Garrett respondeu-lhe com vivacidade. São curiosos êsses discursos que tive o cuidado de lêr no *Diário das Sessões* daquela época; e confesso que sai dessa leitura com a impressão de que acabava de assistir, com aprazimento do espirito, às peripécias dum formidável duelo entre dois coletes de fantasia...

Esta fraqueza de Garrett perdoaram-lha os contemporâneos pela suprema elegância dos seus escritos; as outras também lhas perdoou a Posteridade, quando deixaram de ter voz na matéria alguns maridos do seu tempo...

Minhas senhoras e meus senhores: muitos de nós conhecemos ainda alguns dos antigos conferentes do Grémio: Pinheiro Chagas, por exemplo. Não houve génio literário que não cultivasse com verdadeiro talento. Foi um polígrafo de raros merecimentos. Como orador—orador parlamentar ou orador académico—pode dizer-se que contava os triunfos pelos discursos. Dêstes, o de maior retumbância foi talvez o que pronunciou em Paris, em 1880, num banquete oferecido no Hotel de Ville aos jornalistas estrangeiros que ali foram representar a Imprensa dos respectivos países, na inauguração, da Torre Eiffel. Os jornais parisienses celebraram-no com entusiasmo; e uma grande frase dêsse discurso teve as honras de ser transcrita em toda a imprensa parisiense. Tenho-a de cór, pela impressão que então me causou e porque ella reflecte, como um prisma de cristal nas suas múltiplas facetas, todos os múltiplos talentos de Pinheiro Chagas, foi poeta, orador, romancista, jornalista, dramaturgo e historiador.

Referindo-se ao papel desempenhado pela França na civilização do mundo, Chagas exclamou:—*La France! en lui se repose souvent d'avoir allumé des incendies. Oui; mais c'est toujours la France qui brûle et c'est le monde qui est éclairé.*

Nesta frase há realmente uma partícula de tudo o que Chagas foi no mundo das letras: há oratória, poesia, drama e também um tanto de verdade histórica. E se neste ponto eu ponho restrições, é porque nem sempre os incêndios de França se limitaram a iluminar o mundo, que, verdade seja, muitas vezes têm sido chamuscado por êles.

Mas esta admiração pela França foi sempre grata aos portugueses do século passado. Os franceses levaram-nos muitas coisas mas também deixaram ficar por cá algumas ideias. Não sei se ganhamos com a troca. Parece que não; porque ao passo que êles conservam e estimam o que nos levaram, nós estamos a ouvir por toda a parte o alarido das peles contra as ideias que nos deixaram. Talvez em nenhum país a influencia espiritual da França se tenha feito sentir tanto como em Portugal, durante todo o século xix; nas artes, nas letras, nas ciências, nas modas, e, infelizmente até na lingua. A nossa educação fez-se quasi exclusivamente em livros francezes. E assim, educados por êles

O PASSADO da fundação dos sócios Literário

criados com o leite espiritual da França, não admira que nós a amássemos como as crianças amam geralmente as amas:—com um amor que muitas vezes faz o ciúme das mães. A ama do português é a França.

Basta, porém, de divagações e contemos ainda uma aneddotica do Grémio, do tempo em que Guerra Junqueiro começou a frequentá-lo como sócio. Junqueiro acabou de chegar a Lisboa, precedido já dum fama que depois se foi avolumando no decorrer da sua carreira de grande poeta. Mais do que propriamente os seus versos, os seus ditos de espirito eram repetidos em todos os centros de Lisboa; e a sua formidável veia satírica comprazia-se em definir em frases lapidarias os acontecimentos e os homens do seu tempo.

Um dia, Junqueiro entrava na sala de leitura do Grémio, momentos depois de a ter deixado António Rodrigues Sampaio, o grande jornalista da «Revolução de Setembro» e que fora nos agitados tempos do cabralismo, o mais terrível dos panfletários. Teixeira de Vasconcelos, outro nome célebre no jornalismo, vendo entrar Junqueiro, exclamou:

—*E pena ter chegado tarde! Sahu, agora mesmo, daqui, o Rodrigues Sampaio que deseja conhece-lo.*

—*Ainda bem que vim tarde,* respondeu Guerra Junqueiro, *porque admirava o velho panfletario de outros tempos, como detesto o palatiano de hoje.*

—*Não quer então que lho apresente?*

—*Não. Não me apresente, se não quer que eu o defina...*

—*E como é? O defina?*

—*Oh, assim: Foi um javali; demontou-se... é um porco.*

O dito era cruel e injusto: Junqueiro foi muitas vezes; mas esta definição do velho atleta da imprensa safu do Grémio para correr mundo através das redações e dos Cafés de Lisboa.

Outro sócio do Grémio, excelente conversador, escritor muito original que, há poucos anos ainda, morreu em Lisboa, depois de ter sido ministro do nosso país em Washington, foi Carlos Cirilo Machado, depois visconde de Santo Tirso.

Cirilo Machado viajava uma vez em caminho de ferro, lam na mesma carruagem dois francezes, talvez caixeiros viajantes, que, em certa altura, cochichavam entre si, despegando os olhos da roseta vermelha que sangrava na lapela do casaco do nosso diplomata. Ao cabo de algum tempo, um dos francezes, apontando para a insignia que os intrigava, com certo tom desdenhoso, perguntou:

—*C'est le Christ, n'est ce pas?!*

Cirilo Machado com grande calma, mas afectando uma modestia sorridente, respondeu:

—*Ah! non monsieur—ce n'est que la Légion d'Honneur!...*

Este dito, como expressão de brio patriótico, merecia, bem, se fosse possível uma nova instancia dos Lusitadas.

Minhas senhoras e meus senhores: Não cabia, como já disse, nos estreitos limites

duma conferência, o desenho ou sequer o simples esboço de todas as figuras que criaram este Grémio, e, muito menos, das que o frequentaram como sócios. De êles, os mais notáveis deixaram uma obra que dispensa novos estudos, consagrados, como foram, pelas gerações que vieram depois.

Penso às vezes que de noite, quando depois de se retirarem os sócios mais retardatários, as portas do Grémio se fecham e se apagam as ultimas luzes, êstes salões se povoam de sombras, que lhes foram queridas e que voltam aqui, no silêncio da noite, para lamentar a decadência de quanto foi grande na sua época. São as sombras dos fundadores do Grémio. Nada chega até nós do que elas dizem, em surdina, sobre as coisas de agora. E ainda bem para todos nós, que temos as responsabilidades do presente e não gostamos de aparecer em publico com as orelhas excessivamente vermelhas.

Quando eu entrei aqui, em 1886, já o Grémio havia decaído do seu esplendor antigo; mas, ainda era o ponto de reunião de muitos valores reais da sociedade de Lisboa. Políticos, homens de letras, homens da sociedade, altos funcionários do estado, do exercito e da marinha, artistas e professores, médicos, engenheiros e advogados, figuras representativas do commercio e da industria, frequentaram estas salas e illustraram esta agremiação com os seus nomes afamados. O mesmo succede hoje ainda; mas é pena que a sua actividade espiritual, destas paredes a dentro, se tenha confinado nas conversas da sala da biblioteca, ou na cultura daquelle género epistolar de que já falei, quando lhes era fácil afirmar dum maneira brilhante o que são e o que valem na louvável tentativa da restauração dos créditos dêsse velho Grémio. A actual direcção, seguindo no decidido empenho de realizar o plano, que já fora concebido pela direcção que a antecedeu, torna-se digna do nosso aplauso e do nosso auxilio.

As duas brilhantes conferencias realizadas recentemente e às quais não tive o prazer de assistir, por estar ausente de Lisboa, demonstram que procedendo assim, a direcção do Grémio bem merece dos seus sócios—aos quais, bem como aos illustres conferentes que me precederam, eu tenho que pedir desculpa—a um pelo tempo que lhes esteve tomando e aos outros por ter vindo ocupar, tão imerecidamente e tão desmerecidamente, a tribuna que êles sou-

Os membros da direcção do Grémio Literário, srs. dr. João Kwang Leite Ribeiro, coronel Oliveira, Vasco Semedo, Roque Arriaga e Casal Ribeiro, sentados no centro, sentado o conferente sr. João Saraiva



beram honrar com a autoridade da sua palavra.

Aquelle relógio que sobre a pedra do fogão vai marcando tão lentamente para vv. ex.^{as} a duração desta palestra, averte-me que não devo dar maior extensão à minha leitura. É um relógio que tem na sua história um dia de glória:—aquele em que a pena luminosa de Eça de Queiroz o descreve numa página dos *Malás*, a marcar com a mesma lentidão de agora ou mais lentamente ainda, os vagarosos minutos que ainda falta a Carlos da Maia para a hora ditosa da primeira entrevista com Maria Eduarda. São por certo de atender as indicações de relógio tão illustre. Fazendo-o, presto-lhe a homenagem que êle merece; e vv. ex.^{as}, por êle o não poder fazer, intimamente me agradecerão.

Há poucos dias ainda, conversando com uma senhora do meu tempo sobre tudo que passou, ouvi-a lamentar a perda de muitas coisas que haviam feito as delicias da sua juventude

—*Então concluiu ella, tudo era melhor que hoje.*

—*Tudo repeti eu—até as espelhos. Lembra-se dos espelhos do nosso tempo? Fazia gosto mirar-se a gente neles. Os de agora nem nos rugas na face e embranquecem-nos o cabelo...*

Então ella que conserva, com os restos da antiga beleza, espirito sempre moço disse:—

—*E V. tem a certeza que a culpa é dos espelhos?*

—*Não, confessei, a culpa não é dos espelhos.*

E agora, minhas senhoras e meus senhores, perante o passado e o presente dêsse Grémio, acrescentarei ainda: dizer mal dos espelhos é dizer mal de nós próprios. O tempo, como os espelhos, é sempre o mesmo. Nós é que mudamos incessantemente numa lenta evolução, que torna o passado o responsável autor do presente. Se o tempo de hoje nos não agrada, a culpa é nossa, que não soubemos ou não quizeamos prepará-lo melhor. Os que tem saúde dos dias aureos do Grémio Literário só têm uma coisa que fazer: expiar as culpas da sua inércia no trabalho, que urge empreender para reatar o fio duma tradição quasi obliterada.

Para isso, não é preciso nem eu aconselho que se destrua o que é novo. Conservemos para os novos aquilo que novo é; mas não esqueçamos também a tradição—e restituamos, coerentemente, a feição literária a uma agremiação, que foi notável no campo das lutas espirituais e que tanto quis às letras que, ainda hoje, no seu nome, as não renega.

Se vale a pena fazê-lo, VV. Ex.^{as} o decidirão.

João Saraiva.



O início da regressão Ribeiro Ferreira, passando na Vila Nova de Xira

O nome de Portugal brilhou excepcionalmente numa das mais importantes provas de turismo automobilista no mundo. No clássico "rallye" de Monte-Carlo, organizado pela décima terceira vez, com a participação de 161 concorrentes de todas as nacionalidades europeias, o engenheiro português Francisco Ribeiro Ferreira e os seus companheiros António Herédia e Virgílio Barroso, conquistaram um brilhantíssimo quarto lugar, não hesitando em atravessar toda a Europa para aproveitar das condições mais favoráveis aos seus desejos.

Os 3.876 quilómetros que oficialmente percorreram na prova, correspondem na realidade a 12.550 quilómetros de trajecto desde Lisboa à capital da Grécia e regresso, lutando apenas com os recursos próprios, em circunstâncias que puzeram rudemente à prova, a sua perícia, coragem, tenacidade e decisão.

Apezar de consideradas favoráveis as condições climáticas deste ano, — a temperatura mínima foi só de 12° negativos —, o regulamento severíssimo e as médias horárias aumentadas, asseguraram uma dificuldade suficiente para seleccionar os participantes; basta saber que a média para os últimos mil quilómetros do percurso era de cinquenta quilómetros horários.

Como a caminhada de Atenas a Monte-Carlo era aquela que proporcionava aos automobilistas o máximo de pontos, foi escolhida por grande número de concorrentes, entre os quais figuravam os favoritos. O êxito da tentativa dependia das condições atmosféricas e do estado das estradas que, nos Balkans, são pouco mais

do que intransitáveis. As declarações do engenheiro Ribeiro Ferreira, após a sua chegada a Lisboa, são bastante iludidas; entre Atenas e Salónica a lama atingia por vezes uma espessura de meio metro, através da Bulgária percorreu estradas onde o piso era de cascalho solto, e muitos outros permosos terrenos semelhantes.

O resultado deste conjunto de circunstâncias foi que apesar da clareza de temperatura, dos 22 que partiram de Atenas apenas 15 che-



Em Vila Afonso, o mesmo concorrente encontra no caminho um espesso lajeiro de neve

garam ao seu destino e, dentre eles, 13 sem penalização. Um dos concorrentes



Bento de Amorim e Adolfo Ferreira, no momento de serem classificados entre os que partiram de Lisboa

PORTUGAL NO NO "RALLYE" DE uma equip ficou em quarto lugar

que concluiu o percurso dequarto à revista Match que a viagem de Atenas a Monte-Carlo corresponde a cem mil quilómetros em estradas francas.

Tais foram os obstáculos de toda a ordem que os nossos valerosos competidores venceram sem deslucimento, alcançando o ídem das viagens em condições de igualdade com os melhores. A importância do facto não a queremos salientarmos, para que se não julgue haver excesso de entusiasmo patriótico; registemos tão somente as palavras transcritas de L'Moto e da autoria do primeiro técnico francês do jornalismo automobilista, Carlos Faroux.

"Se a grande prova de Monaco é a única, ou quasi, sobrevida entre todas as que pretenderam cotar-se no mesmo género não passando de organizações sem interesse onde o cego acaso designava o vencedor; se o seu prestigio internacional aumenta de anno para anno a ponto da passagem dos concorrentes através de tantos países assumir as proporções de acontecimento

ESTRANGEIRO MONTE-CARLO portuguesa na classificação geral

nacional; se, finalmente, neste anno de 1934, bateu todos os records de interesse e de número de concorrentes inscritos, não faltam para tal razões de peso. O rigor da prova constitui forte atractivo, não apenas para todos os concorrentes, animados dum inquebrado espirito de aventura, mas também para os comitadores que apreciam a vantagem comercial de um triunfo no "rallye" de Monte-Carlo.

Entre os diferentes itinerários estabelecidos pelo regulamento da prova, figurava um, cujo inicio fóra estabelecido no nosso país, em Valença do Minho, seguindo por Lisboa, Sevilha, Madrid, Baiona, Toulouse e Monte Carlo, num total de 2.056 quilómetros; foram dez os participantes que por êle optaram, dos quais quatro eram portugueses. Na tabela de pontuação êste percurso, considerado pela sua extensão e dificuldades de trânsito, como o sétimo entre os adoptados, marcava um máximo de apenas 810 pontos, em inferioridade aos mil que eram atribuídos à viagem de

Atenas. Por êste motivo se inferiorizavam na classificação geral as quatro equipas portuguesas, apesar de haverem terminado o percurso sem penalizações. Venceram o «handicap» dos cento e noventa pontos.

Nas provas complementares de accelleration e travagem, a que os concorrentes eram obrigados após a chegada a Monte-Carlo e para efeitos de desempate, foi Bento de Amorim o português melhor classificado, alcançando a melhor posição entre aqueles que haviam

pelo quinze sobreviventes do itinerário de Atenas, o que demonstra bem quanto lucraram aqueles que souberam vencer as dificuldades desse percurso.

Os franceses Caz e Treux conquistaram o primeiro lugar com 1013,73 pontos, cabendo o quarto posto a Ribeiro Ferreira, Herédia e Barroso, com 1011,19 p.

Os restantes carros portugueses terminaram a prova com as seguintes posições: Bento Amorim e Adolfo Ferreira com 81, com 821,67 p.; Jillo de Freitas em 84, com 820,20 p.; Vasco de Andrade em 86, com 819,73 p.; Gilles Holroyd em 87, com 810,52 p.

Na prova complementar de accelleration, Ribeiro Ferreira conseguiu o terceiro melhor tempo nos cem metros, 8 s. 45/100.

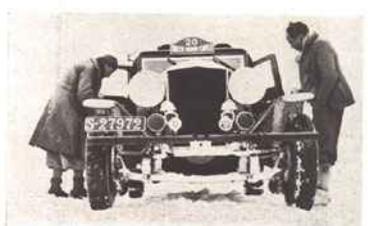
Os automobilistas portugueses participaram ainda no Critério dos Carros de Turismo, cuja inscrição era obrigatória a todos os concorrentes ao "rallye"; Gilles Holroyd classificou-se em 8.º lugar, Ferreira em 11.º, Ribeiro Ferreira em 22.º, Andrade em 23.º e Freitas em 29.º, entre os 40 participantes da categoria.

Finalmente no concurso de conforto, Ribeiro Ferreira alcançou ainda uma terceira classificação na categoria dos carros fechados. Pelo conjunto destas informações se depreende quanto foi brilhante a representação portuguesa, pelo que são credores de incondicionais felicitações.

Na mais importante prova de turismo, verdadeiro campeonato mundial da especialidade, afirmamos as virtudes desportivas dos nossos condutores, na impossibilidade de impôr a classe de uma indústria que no nosso país não existe.



Em Ponta, o carro de Ribeiro Ferreira, após sobreviver na trilha para não regressar na vida



A passagem pela Itália de automobilistas portugueses situaram a sua carro

partido de Valença. Os quinze primeiros lugares da classificação foram ocupados



A equipa portuguesa, formada pelo engenheiro Ribeiro Ferreira, Adolfo Ferreira e Virgílio Barroso, 4.ª classificada no "Rallye" de Monte-Carlo



Aspectos do Carnaval em Lisboa e em Tôres Vedras

Não constituiu surpresa alguma para quem quer que fosse: o Carnaval de 1934 em Lisboa decorreu sensaborão. Não houve graça nem sequer elegância. Só as crianças punham, de quando em vez, uma nota menos triste nas ruas de Lisboa, que durante os três dias esteve banhada dum sol maravilhoso. Os teatros tiveram, no geral, fraca concorrência. Nas colectividades de recreio brincou-se, embora forçadamente. Animação, animação, não houve. Parece que, em Tôres Vedras — publicamos no baixo desta página duas fotografias tiradas nas ruas daquela vila extremenha, durante a passagem do *corso* — as festas tiveram algum brilhantismo. Assim dizem os que lá estiveram durante esses dias.



Uma curiosa evocação do "foot-ball" quinhentista

A arte e a vida esforçam-se, no mundo inteiro, pelo êxito de novas concepções, estabelecendo as bases duma moderna renascença compatível com o espírito contemporâneo e as actuais condições da existência social. A-pesar disso, certas evocações da antiguidade revestem-se de tão sugestiva expressão e pitoresca poesia que os homens as conservam, vivas e intactas, na recordação dos meios em que se passaram.

A lembrança do passado é tanto mais apreciada quanto mais intenso é o nosso desejo de renovar as formas exteriores da vida e do pensamento. Tudo aquilo que nos recorde as glórias passadas, as épocas mais fecundas em fantasia porque mais calmas do que as de hoje, parece-nos envolto numa atmosfera de particular encanto.

Quando a humanidade se apercebeu de que a consciência e o pensamento modernos se preparavam para transformar as bases da vida social, procurou imediatamente zonas de repouso para o espírito, oásis de sonho para a imaginação.

Também o desporto foi associado a estas curiosas reminiscências de outras eras, sendo uma das mais brilhantes reconstituições aquela

tina, animada por espírito de bravura e desprezo pelo perigo, num intuito de ironia e desafio para com o inimigo, reuniu-se na Praça de Santa Cruz onde disputou um encontro de «calcio», a-pesar do bombardeamento a que estava sujeito pelos canhões adversários instalados no alto da colina de San Miniato.

Este episódio realizou-se à volta de 1530, e há quatro anos que é comemorado em Florença, despertando sempre enorme curiosidade no público e chamando à formosa cidade grande número de forasteiros.

A reconstituição, tanto quanto possível exacta inicia-se pelo desfile através da cidade, do cortejo composto pelos jogadores, pagens e arautos da Comuna, milícias dos vários bairros, oficiais da nobreza florentina e representantes das Corporações e Artes, todos vestindo rigorosamente à época, os quais se dirigem para a Praça onde se desenrolará o jogo.

No momento em que os arautos entram na Praça della Signoria, param os cavalos e fazem soar as suas trombetas de prata; depois, em silêncio, retomam o desfile iniciando as músicas e os tambores, animadas marchas.

O cortejo dá uma volta inteira à praça e alinha em frente das autoridades, agitando-se os estandartes em sinal de saudação.

Toda aquela gente se distribue em volta do recinto e os jogadores alinham em seu campo, preparados para a luta, cuja duração é de cinquenta minutos e que tem por finalidade lançar a bola atrás da linha que limita o campo contrário.

O prémio atribuído ao grupo vencedor é um simples vitelo, que deve fornecer um suculento jantar aos vinte e sete componentes da equipa.

As regras pelas quais se orientava o «calcio florentino» estavam

muito longe dos regulamentos e leis do «foot-ball» contemporâneo.

Pela liberdade de emprêgo das mãos e ainda pela faculdade de agarrar o adversário, assemelhava-se nas suas linhas gerais ao «rugby» actual.

Como dissémos, as equipas eram numerosas, vinte e sete homens divididos em quatro linhas; só avançados eram quinze!



Também não era ainda conhecida a baliza com dimensões determinadas; a finalidade do jogo era lançar a bola num fôssco cavado logo atrás da linha limite da cabeceira.

Para alcançar a meta recorriam os jogadores a «dribblings» rápidos dos avançados ou a ataques combinados, sendo-lhes permitido correr com a bola, tentando avançar o mais possível na direcção do campo adversário, passando-a depois, por meio de ponta-pés ou sócos, aos companheiros melhor colocados para prosseguir a acção. As placagens eram permitidas, até mesmo a rasteira, embora este último recurso não fosse considerado de grande elegância.

O portador da bola expunha-se a rudes ataques, pois além de poder ser agarrado, tinham os adversários o direito de lhe bater, se não quizesse largar a bola. Os encontros assumiam por vezes excessiva violência, sobretudo quando os adversários desportivos o eram também no campo político; o ardor da peleja acirrava-se então pelas rivalidades sociais e conduzia às peores agressões.

Registemos por último que os elementos dos grupos se apresentavam com seus trajes de côrte, que naquela época eram bastante complicados e impróprios para a prática dum jogo tão acidentado e violento. A nossa concepção modernista estranha estes hábitos contrários às regras que mais simples se nos afiguram e por isso consideramos estas evocações como espectáculos de um pitoresco divertido, dando-nos a noção formidável de quanto evoluíram os hábitos e a vida das sociedades civilizadas.

S. C.



que em Florença se realiza duas vezes por ano, no primeiro domingo de maio e no dia de S. João. Trata-se de reviver um encontro de «calcio florentino», o remoto antepassado do «foot-ball», no cenário imponente e histórico da Piazza della Signoria, recinto fechado que separa a venerável «loggia del Orcagna» da mole magestosa do palácio da Signoria.

Esta festa está directamente ligada a um acontecimento histórico passado no período de decadência dos Medicis, quando o capitão das milícias Francesco Ferruci defendeu a República contra os últimos assaltos da poderosa família.

Eis a história, digna de ser contada: enquanto Miguel-Angelo Buonarroti organizava a defesa da cidade e multiplicava a sua actividade genial para conseguir opôr resistência ao assalto das tropas do Príncipe de Orange, a nobreza floren-



ESCREVER sobre uma escritora de tanto talento, e, depois de o terem feito tantas pessoas de reconhecido valor, é uma ousadia da minha parte. No entanto faço-o, porque entendo que é um dever de toda a mulher que escreve lembrar às gerações novas as figuras de mulher, que na nossa literatura se levantaram e marcaram um lugar de destaque.

Figuras desaparecidas deste mundo, mas que a sua obra torna sempre vivas e sempre presentes. Não é a sua obra literária, que eu vou analisar e discutir. Essa obra foi ainda há pouco admiravelmente estudada pela escritora e professora senhora D. Teresa Leitão de Barros. No seu admirável estudo "Escritoras de Portugal", é a sua figura de mulher na vida e na sociedade, que eu vou tentar evocar aos olhos das minhas leitoras. Figura admirável e encantadora. Senhora sempre do mais distinto porte, espírito a que o talento não desvirtuou o sentimento profundamente feminino. Nascida numa época em que a vida intelectual feminina não existia, ela veio mais uma vez provar que o verdadeiro talento embora se abrigasse num cérebro feminino, quando era profundo e real irradiava o seu clarão e triunfava fôsse qual fôsse o ambiente e ainda mesmo em Portugal no segundo meado do século XIX, quando a mulher menos instruída foi e a sua vida intelectual mais limitada era. Na casa de seus pais muito freqüentada por escritores e num meio muito favorável ao desenvolvimento dos seus dotes naturais, teve D. Maria Amália Vaz de Carvalho a melhor escola que podia ter e a convivência de que carecia o seu alto espírito para atingir o seu pleno desenvolvimento. Na sua linda casa de Pinteus o seu espírito devaneava os seus primeiros sonhos de mulher e de artista; foi aí que escreveu o seu primeiro livro "Uma primavera de mulher", livro êsse que lhe abriu o coração do poeta doce e encantador, de Gonçalves Crêspo, que foi mais tarde seu marido. Nesse primeiro livro há toda a frescura duma viçosa e pujante mocidade que prometia o que mais tarde deu, uma escritora de pena brilhante e da mais equilibrada sensatez e beleza moral. Uma simplicidade absoluta o seu talento não a inebriava numa época em que a mulher que se evidenciava, tinha sempre um pouco de "bas-bleue", ela foi sempre a mesma senhora, do mais agradável convívio, feminina, suave, terna e doce sem exageradas pieguices, duma grande bondade, duma grande indulgência, mas pondo sempre as coisas no seu verdadeiro lugar. A sua casa da travessa de Santa Catarina onde a escritora vivia a sua vida de intenso trabalho, inspirando-se, na beleza da paisagem grandiosa do nosso admirável Tejo, era a reunião predileta dos grandes intelectuais da sua época. Do seu cantinho ela presidiu com graça simples. As reuniões dos grandes espíritos de então, com os quais o seu acamaradava, sem pruridos de mal entendido feminismo. Oliveira

Recorda-se a figura notável

de D. Maria Amália Vaz de Carvalho

e o que foi o seu salão literário

Martins, Sousa Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, António Cândido, Carlos Lobo de Avila, Sousa Monteiro, Conde de Sabugosa e muitos outros, passaram na sua salinha, num convívio intelectual encantador fazendo dela um dos mais deliciosos salões literários daquela época. Dêsses salões que hoje quasi não há, onde se agitavam ideias, onde o espírito esfuiziava e a atmosfera superior encantava os que o freqüentavam.

Na obra desta escritora há de tudo. Poesia, problemas educativos e crítica

O affecto dividia-o por todos os seus. Mãe dolorosa, sofreu o maior desgosto que um coração de mulher pode ter: perder uma filha encantadora de doçura e de simpatia e um espírito que o seu compreendia. A sua ternura pelas

sobrinhas, sente-se nos seus versos, lê-se nas suas obras. Um dos seus últimos escritos foi o prefácio que fez ao livro de sua sobrinha a senhora D. Cândida Aires de Magalhães: "Trevas Luminosas". Sobrinha dilecta, espírito superior de poetisa, talento invulgar, o seu espírito doce e feminino fez, com que a grande escritora saísse do mundo da sua dor, para patrocinar com as suas palavras de imenso affecto o seu primeiro livro de versos. Quanto affecto de família nesta troca de luminosas palavras. O prefácio da tia



social. Crítica histórica e perfis de personagens históricos, sábios e pensadores. Crítica literária e artística. Contos e literatura infantil. E numa obra tão vasta, tão extensa, dispersando a sua atenção por tão variados assuntos, o seu talento é sempre o mesmo e o seu espírito forte e dominador é no entanto sempre feminino e sempre senhoril. A sua fidalguia de sangue, sente-se na superioridade do seu talento. Discutindo, criticando, ela é sempre uma senhora. Afável e simples no seu trato, a sua superioridade marcava, sentia-se num "charme", e numa elegância natural e não rebuscada, que a todos fazia sentir que ela era alguém. O seu livro "Cartas a uma noiva" deve ser lido por todas as mulheres portuguesas. Na sua vida de família foi encantadora.

dando o maior brilho ao livro da poetisa que tão brilhantemente ilustra as nossas letras. Mas não foi só na família onde tantos talentos de escritores há, que a sua influência se exerceu. D. Maria Amália, foi a perscrutora, a inspiradora duma numerosa pleiade de escritoras. E os seus livros de tão sã doutrina, orientadores, onde se encontra a par do brilho do invulgar talento, o equilíbrio da insensatez, devem ser para a mulher portuguesa, um guia.

E se a sua figura não pode ser infelizmente um exemplo porque com o seu valor poucos cérebros podem existir, deve ser um símbolo do que é uma mulher de talento, uma senhora de altíssimas qualidades morais e uma das glórias da nossa literatura.

Maria de Eça.

UMA NOITE PERDIDA



No tempo em qu'inda havia uns restos de boémia,
 Perfeitamente louca, e muito pouco abstinência,
 Quando um estudante alegre andava o mês inteiro
 A fazer grande luxo em ter pouco dinheiro
 E no fato a esgarçar mostrava, com vaidade,
 A sua imprevidência e muita honestidade,
 Eu lidei co'um rapaz, — vergonha de estudantes, —
 Mas bom, como era o pão que se fazia dantes.
 Trigueiro, esbelto e magro. Em sua petulância
 Não ligava à existência a mínima importância
 E parecia trazer, num feltro à d'Artagnan,
 Qualquer pluma arrancada a César de Bazan,
 Com tal ar afrontava os parvos face a face,
 Não arredando um pé p'ra que um burguês passasse.
 Detinha-se a afagar as criancitas nuas
 E ajudava um céquinho a atravessar as ruas,
 Consentindo, tão só, que a espinha se lhe dobre
 Ante o Belo, ante Deus, e a gente humilde e pobre.
 Com defeitos p'rá vida, inúmeros, diversos,
 Além de tudo o mais, ainda fazia versos,
 Quanta vez, noite velha, o pobre ia sózinho
 Á mercê do acaso e sem escolher caminho
 Abrir seu coração, em largas caminhadas,
 Às estrêlas do céu, tôdas lisongeadas
 Por verem qu'inda alguém se recordava delas!
 E uma tal gratidão mostravam as estrêlas,
 Que uma estrelinha ou outra às vezes lá descia
 P'ra que o louco apontasse os versos que fazia.
 Penso que era milagre. E ó Santo Deus, porquanto
 Nêsse rapaz havia um não sei quê de santo.
 Ora uma certa vez, em que ao primeiro alvor
 Já depois de a cansar domára a sua dôr
 E recolhia exausto ao despontar o dia,
 Fendendo a custo o véo da névoa espessa e fria,
 Divisou, entre a bruma e sob o vendaval,
 A carreta sinistra e torva do hospital,

Que dois homens quaisquer, de recurvado busto,
 Puxavam, praguejando, e com visível custo.
 Na carrêta o caixão mais triste e pobresinho
 Que se haja feito à pressa em miserável pinho.
 E à luz trémula e vaga, a lancinante cena
 Tornava-se mais triste e dava maior pena.
 Porém, o que lhe fez mais compassivo dó,
 Foi vêr seguir o morto abandonado e só,
 Não tendo, nem sequer, como expressão de dôr,
 Uma baga de pranto em pétala de flôr! ...
 E o poeta entendeu de seu dever segui-lo,
 Tanta vergonha e dôr causava tudo aquilo.
 Quem seria Senhor? Que lhe importava a êle
 Uma vez que era crente e o seu dever aquele?
 E à chuva, sobre a lama, e sob a ventania
 Seguiu, fendendo a custo a névoa espessa e fria.
 Num cemitério pobre a urna foi levada
 Para a lama comum da vala escancarada:
 Já um braço adestrado as tábuas lhe descerra,
 Porque o pobre do morto iria corpo à terra,
 Sem luzes, orações, nem mão que fosse pôr
 Um crisântemo rôxo a desgrenhar-se em dôr!
 Ao tirarem da urna o corpo que se enrola
 Num lençol a esgarçar, — talvez dado por esmola, —
 A poida mortaiha, a um empuxão qualquer,
 Fendeu, deixando vêr um rosto de mulher.
 Era o perfil banal duma raparigueta
 Co'uma cara vulgar: nem feia nem bonita.
 De lindo havia nela a graça do sorriso
 Dum'alma que no azul ascende ao Paraíso.
 Mas via-se, a-pesar do rictus sorridente,
 Que padecera muito, e muito injustamente!
 E o rapaz, a resar, olhando-a se dizia:
 "Quem seria Senhor? Coitada, quem seria?"
 Que estupendo pavôr de inédita novela
 Não devia ter sido a existência dela!



Mas o cadáver desce à derradeira cama
 Improvisada à pressa, em chão de neve e lama
 A que o coveiro atira algumas paz de grêda,
 A repetir, talvez, o verso de Espronceda,
 Cò'a calma habitual do seu desdém profundo:
 Que haja um cadáver mais, senhores, que importa ao mundo?
 E acabara-se tudo irreparavelmente.

Quando o rapaz se afasta, a reparar que sente
 Uma saudade em si p'la triste rapariga
 Igual ù que nos deixa uma pessoa amiga,
 Díz-lhe o coveiro assim: — "Então, meu patrõesinho,
 Não terá, por acaso, uns cobres para vinho?
 Fiz-lhe a cama a preceito, e vá-se cò'a certeza
 Que há de dormir ali melhor que uma princesa..."

E o pálido poeta achava-se tão pobre,
 Que não tinha sequer uma moeda em cobre.
 E o outro a insistir: — "Sinto-me enregelado!
 Seja por alma dela, e Deus seja louvado!"

E o moço — pobre dêle! —: "Um'outra vez será!
 Deixe estar, deixe estar que hei-de voltar por cá!"

E seguia, a sofrer a dôr da humilhação
 Imensamente injusta e fóra da razão,
 Quando o outro, de pé sôbre o coval da morta
 E numa desvergonha a que já nada importa
 O respeito devido a terra tão sagrada,
 Lhe diz, num riso mau da bôca desdentada:
 — "Assombra e custa a crêr que possa alguma gente
 Atrever-se a negar um copo de aguardente
 A quem, sob êste frio, anda a atascar-se em lama
 P'ra lhe meter na cova os restos da madama!
 Disfrutam-lhes o amor; e enquanto as sentem belas
 Quantos andam, p'r'aí, vivendo à custa delas!
 Mas quando a morte vem, atiram-mas aos braços
 E eu que as ature então, e os livre de embarços!
 Matam-lhes muita fome, e acalmam-lhes os cios,
 E a gente que as enterre a crédito, vadios!"

Em vida, se calhar, comeste-lhe o dinheiro
 Sem pensares em guardar um chavo p'ró coveiro!
 Vai, meu pelintra, vai! Mas podes ficar certo
 Que no fundo do Inferno ela há-de agradecer-to!"

E chamando a atenção dos guardas que passavam,
 — Que todos, sem excepção, com êle concordavam, —
 Ia atirando a esmo insultos, gargalhadas,
 Que zumbiam no ar cò'a fôrça de pedradas.
 Inda se ouvia ao longe o último impropério,
 Quando o pobre rapaz saíu do cemitério.

Vinha cò'a face a arder, da raiva e do vexame
 De ouvir tanta torpeza àquela bôca infame!
 E, bem no fundo d'alma, o qu'inda mais lhe custa
 É que o Senhor lhe dêsse aquela dôr injusta.
 Que o seu acto Senhor! não era p'ra aplaudí-lo!
 Mas não era também para merecer aquilo!

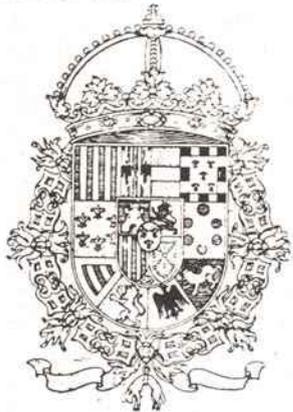
Via o poeta mal. Pois Deus, p'ra lhe pagar,
 Que outra compensação lhe poderia dar?
 É que Deus pretendeu, cò'aquela imensa dôr
 Engrandecer-lhe a acção e dar-lhe mais valor;
 É que Deus, lá do céu, achou a acção tão bôa
 Que a perfilha, regista, acolhe e aperfeiçôa!
 Cò'a dôr da humilhação é que ficou completa
 A simpática acção do pálido poeta.

Jesus quiz-lhe mostrar que a máxima bondade
 É feita no segrêdo e sombra da humildade;
 Que a devemos fazer, de preferência occultos,
 Mas nunca p'lo temor de golpes nem de insultos;
 Que a devemos fazer, mesmo aos que a não mereçam,
 Contando, de antemão, que êles não agradeçam;
 Mas que é mistér espalhar muita bondade e amor,
 Sempre, a-pesar de tudo, e seja como fôr!

E se Deus lhe quiz dár aquela humilhação,
 Foi só por lhe saber um'alma de eleição.
 E assim devia ser. Porquanto vos garanto
 Que tinha êsse rapaz um não sei quê de santo.

António Carneiro





O escudo da cidade de Córdoba

CORDOVA, orgia de cor e luz, florente de «claveles dobles, rojos como la sangre de sus toreros, morenos como los ojos de sus serranas», é um dos mais castiços recantos da Espanha. Numa postura silenciosa e calma, vê-se situada entre o Guadalquivir e a Serra Morena, e toda emoldurada de tumidos olivedos, vivazes laranjais e alegres campinas.

Esta antiga «Patricia Colônia de Cavaleiros», depois de haver sido dominada pelos túrdulos, romanos, visigodos, e efemeramente, pelo emirato de Damasco, ao qual, uma revolta a lirou, passou ao domínio da dinastia dos Abderramans, que a constituíram cidade capital dum grande império, e a valorisaram notavelmente, calçando as suas ruas e praças, canalizando a água do rio para as suas casas, construindo chafarizes, em todos os seus bairros, estabelecendo escolas de ciências, música, escultura e arquitectura, fundando livrarias, que tão enriquecidas foram por Alhaken, que as dotou com mais de seiscentos volumes de obras raras.

Nesses tempos de aurea cordovesa, em que, os seus naturais derramaram as letras, as artes e as ciências, até à Asia, a urbe engrandeceu-se por tal forma que, dentro de seus muros, contavam-se duzentas mil residências, e nos seus contornos, doze mil aldeias.

Tão nobilíssima cidade, hoje capital da

provincia, na região da Andaluzia, não só deu à luz do mundo Seneca, Porcio, Luciano, Mena, Gongora, Cespedes, e outros génios remotos, como também aquele «Gran Capitan», que deu a vitória a Fernando V, para dele receber a ingratidão, e Martin Lopez de Cordova, de quem, um historiador disse que «com ele, morrera toda a lealdade de Castela!»

Como, aliás, em toda a Andaluzia, tudo o que se cria no solo cordovês, é bom e selecto. Os touros, leais e bravos, os cavalos finos e ligeiros, os cereais excelentes e abundantes, os frutos sumarentos e saborosos, os minérios fartos e preciosos; e não mentiu monsieur de Solignac de la Mote, arcebispo e duque de Cambrai, dizendo: — «A Bética, rodeada por caudaloso Betis, depois chamado Guadalquivir, tinha tais portentos, que mal se podiam acreditar, pois todas as suas coisas eram maiores do que a



Típica rua da velhinha e castiço burgo cordovês

fama espalhára; parecia que, nesse belo país, estavam depositadas todos os regalos da idade de ouro, aquelas felizes eras de Saturno e de Astrea, em que Jano trouxera em seus auspiciosos dias em que a terra, sem amanho, produzia tudo».

Esta cidade, onde, dizem, cada pedra tem sua história, cada esquina, sua lenda, cada bairro, sua tradição, possui lugares publicos, amplos e modernistas, como são a avenida do «Gran Capitan», a praça de Canovas, a rua Cláudio Marcel, o passeio da Vitória, e tantos outros; mas, o único sítio em que se pode colher, como na Alfama lisbonense, a graça musulmana, é nas tortuosas ruínas do típico bairro da Catedral, lugar remoto em que, além dos mais ricos monumentos, se vêem heráldicos palácios, de gente de alge, ostentando floridos pátios, tão bizarros, como os sevillhanos.

Acariciada, também, pelo niveo casario

Sérvia de colunatas da mesquita de Cordova



Córdoba côrte cidade, onde, dos califas cada pedra tem a sua história...

dessa velha bairrada da Catedral, encontra-se a mais pura maravilha de Cordova: a Mesquita!

A maneira de prólogo heroico, diz um poeta de Castela: «Se, em algum sítio do mundo, pode o viajante sentir a impressão de arte mussulmana, em toda a sua incomparável grandeza, esse lugar é a Mesquita de Cordova...»

...Nada mais simplesmente grandioso, que este árabe cordovês, o mais puro e clássico dos estilos árabes, o mais religioso, o mais viril. Ganharão em riquezas, em luxo, em detalhes e primores, tanto o muçulmano como o árabe granadino, mas eu me atreveria a assegurar que, no harem artístico

dos árabes, a arte cordovesa é o sultão; o mais são formosíssimas odaliscas. Em Granada, como em Sevilha, vereis rendas delicadas, primores de fantasia, «almocorabes» prodigiosos, a arquitectura feita a «crochet»; em Cordova, a arte macho, crente, guerreiro, parco em linhas, mas vigoroso em formas...

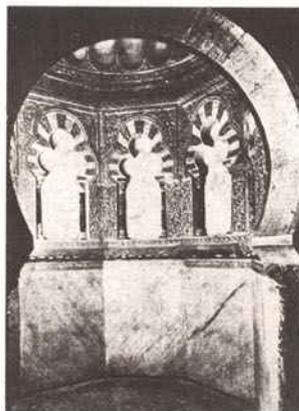
... Ao contemplar, povoada de recordações, a Alhambra de Granada, poderá escutar-se, porém, o suspiro do mouro, mas todavia, é o suspiro do débil Boadil, que chorou, como mu-

lher, o que não pôde defender como homem...

... Porém, o suspiro de toda a raça, o alarido de dôr, lançado, no século XV, por a Espanha árabe, esse grito da Andaluzia moura, lançado ante a cruz de campanha do Cardeal Mendoza, só ressoa, potente, tremebundo, sublime e formosissimo, como Niobe na sua angústia suprema, na Mesquita, e só na Mesquita de Cordova!»

A preceder algumas das suas dezesseis mosaicadas portas, encontra-se o célebre «Pateo de los Naranjos», mais fausto do que a Catedral de Sevilha, e onde fabularam, haver o famoso astrónomo e filósofo árabe Alverroes, enterrado um raio de sol, depois transformado numa cara barra de ouro. Qual jardim suspenso da Babilónia, é aí que, ao meio do claustro, e sobre uma enorme cisterna, em abobada, por entre flôres, fontes e palmeiras, se encontra um maço de robustas laranjeiras, às quais, pela velustez, atribuem origem maometana.

A imponência da parte interna desse monumento, não se descreve! Calcule-se uma enorme explanada, onde, como em confuso labirinto, se erguem noventa e sessenta e duas colunas dos mais preciosos e coloridos mármore, suportando uma dupla fila de arcos de originalíssimo porte oriental, debuxadas de caprichosos arabescos, encimados e co-



O Mihrab — Mármore brilhante e mosaico de ouro, a rememorar o fausto dum passado mouro

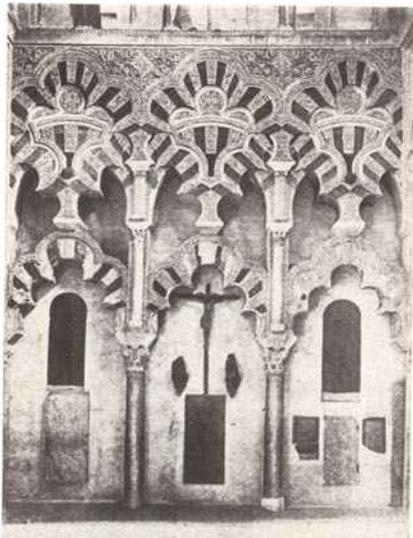
bertos por apainelados em madeiras raras, servindo de vistoso tecto às dezenove naveas desta vasta Catedral, que bem se pode considerar uma das mais curiosas do Orbe.

Nessa antiga Mesquita, erecta no século VIII, por Abderraman I, para se antepôr á suprema de Méca, e que no ano de 1236, Fernando III, o Rei Santo, converteu, do rito maometano ao culto cristão, depois de autorisação régia, e apesar dos protestos dos diocesanos, mandou o bispo Dom Alfonso Manique, levantar, no centro dela, uma dispendiosa Capela-Mór, sobrepujada por um imponente zimbório, onde, ainda hoje se vêem os primorosos trabalhos em talha, do insigne artista cordovês, do século XVI, Pedro Duque de Corneja, que aí repousa, em singelo túmulo, com um epitáfio enaltecendo esse seu trabalho.

Dizem que, quando Carlos V, soberano que tantos vestígios de arte deixou do seu reinado em Espanha, soube desse atentado, exclamou: «Quando autorizei essa obra, eu não sabia que isso se ia praticar, porque, de contrário, eu não consentiria que, para se fazer uma coisa bem possível de se ver em muita parte, desmarchassem o que era único e singular em todo o Mundo».

O marquês de Custine, conhecido homem de letras francês, que, em 1836, confessou ter visto muitos monumentos, mas nenhum lhe haver parecido mais raro do que a Mesquita de Cordova, escreveu: «Na presença de um edificio tão original, meio bosque, meio templo, meio palácio, é natural que a história absorva o pensamento, e a arte seja esquecida; o que se vê aí, é o resultado duma confusão de séculos, de religiões, de povos, de que não há, creio, outro exemplo na Terra».

Assim, a quantos observadores visionários, ao inundar-se, a médo, em cambiantes de mistério, com a bruxoleante luz do crepúsculo, esse mar revólto de arcarias mouras, se não encherá a sua retina fantasista, de imagens, a corporizarem o seu passado, a vivificarem a sua época!... Aqui, o templo de Jano, esclarecendo remotas centúrias de Anibal; ali, a figura esbelta de Zebra, a fascinante concubina de califas, que vendeu seus fáceis amôres, pelo Alcaçar de Medina Azzahara; acolá, os emires poderosos Abderramans, Aïxen, Alhaken e Almanzor, que concebiam duplicar tão maravilhosos aljofar cordovês; mais além, tal como apoteótico final de lenda oriental, Abderraman II, senhor absoluto de quasi toda a Iberia, a cavalgar, magestoso, em fogoso corcel coberto de coruscantes jaezes, seguido de toda a sua luzida côrte e dos



Mármoles arcarias da Capela de Villaviciosa, da Mesquita. Simas da superior grandeza dos califas de Córdoba

doze mil cavaleiros da sua aparatosa escolta imperial, para ir, com grande solenidade, assinar, perante os Embaixadores de Constantino IX, filho de Leão, rei de Constantinopla, o tratado de aliança contra os déspotas califas Absides de Bagdad.

Passando da vã fantasia á pura realidade, não deve esse estontado observador deixar de subir á sua elegante torre, de recorte renascentista, que, apesar de não ter tradições agarenas, como a Giralda sevillhana, tem um muito mais deslumbrante panorama a disfructar.

Daf, oferece-nos a Natureza, um quadro de inexcédvel poesia, encanto e bucolismo.

É bem do alto desse eminente campanário, e após se ter admirado: a seus pés, a cidade embranquecida; a seu escôrço, o Guadalquivir preateado; a seu redor, a campina verdejante, que, lá longe, bem longe, já tenuamente aliado pela penumbra dum sol pródigo, cansado de labutar por toda a Andaluzia, se divisa, numa aureola de sonho e de visão celeste, aquela altaneira serra em que, como na ascética Thebaida dos Penitentes do Hermo, florem, ainda, as candidas «ermitas»; tão saudosamente evocadas por estas sentidas trovas de Cordova:

*Hay de mi alegre sierra,
sobre las comas,
unas casitas blancas
como palomas*

*Muy alta está la cumbre,
la cruz muy alta:
para llegar al cielo,
cuán poco falta!*

E. Raposo Botelho.



Foi inaugurada há pouco, em Praga, uma interessantíssima exposição de vidro, que sem exagero se poderia chamar, no seu conjunto, o Palácio de Cristal.

Entramos no certâmen depois do Presidente da Republica, sr. Masariyk, que permaneceu nele uma hora, e encontramos numa sala coberta por 130 grandes placas de vidro plano, de todos os géneros: colorido, prensado, fundido, armado e de espelho, iluminadas directamente e iluminando por sua vez uma parede coberta de azulejos de vidro colorido, enquanto na parede principal está colocado um curioso mapa da Republica Tchecoslovaca: as fronteiras são traçadas por 2.000 contas de cristal tallado, enfiadas numa cadeia de prata com diferentes signos e são indicados os principais centros da famosa industria do vidro da Boémia, que fazem parte da Federação Económica dos Industriais do Vidro, que organisou a exposição, em colaboração com o Instituto do Vidro, de Hradec Králové.

Ali podemos descobrir já o segre-



Uma exposição de vidro em Praga

do desta industria poderosa, pois ocupa uns 150.000 operários, progressiva e sumamente artistica: dum lado, forte organização económica, que compreende todos os produtores sem distincção de nacionalidade, e, doutro, um perfeito sistema educativo e científico concentrado, além do Instituto, em três escolas nacionais do Vidro: Bor ou Haida, Kamenny Senov ou Steinschoenau, Zelezny Brod ou Eisenbrod e na Secção do Vidro da Escola de Artes e Officios de Praga, dirigida pelo célebre gravador do vidro, professor Drahonovsky.

A Exposição contém as últimas amostras da arte e da técnica do vidro tchecoslovaco, cultivadas, quer nas escolas, quer nas oficinas mecánicas, tódas rigorosamente escolhidas e que, com todo o brilho de invenção e execução, provam que vários empregos pode ter o vidro na vida moderna.

À entrada da segunda sala admiramos um grande vitral da catedral, e nas montas uma riquíssima colecção de copos de cristal tallado e gravado, de serviços para cocktail, de floreiras, de jogos de toucador, etc.

Outras colecções dêste tipo entusiasman os visitantes do rez-do-chão, cuja atenção é em especial chamada pelos copos feitos de materias raras, como o cenochroitid, o dichroit ou o menchroit, que mudam de cor á luz solar e á luz natural em consequência da absorção duma parte do espectro...

Interessante é também a colecção muito completa do vidro protector Triplex, Thorax e resistente, Mirit ou Securit, do vidro óptico, químico e technico ou fotografico.

Mas, o que mais desperta a atenção e até surpreende pela novidade é o emprego do vidro nas construcções, por ser considerado o elemento mais puro, mais higiênico e mais brilhante. Para demonstrar esta afirmação os organisadores da Exposição apresentam as mais modernas amostras de telhados, paredes e tectos, construídos de cristal e iluminados por lâmpadas de cristal, e reproduzem vários interiores do mesmo género: casa de jantar, com as paredes e o chão de cristal, sem faltar a mesa com o serviço de cristal de Boémia, a despensa e a cozinha cheias de utensílios de cristal, quarto de banho branco e negro, com os grandes espelhos e um estore de contas de cristal, guarda-roupa com armários e espelhos, e, por fim, um *bar* azul com o jôgo de serviços e garrafas.

Ao lado destes interiores brilha uma grande árvore de Natal, posta entre espelhos e coberta dos mais delicados ornamentos de vidro, de várias formas e côres. Esta árvore representa, ao mesmo tempo, o esforço dos vidreiros tcheco-



slovacos para emancipar-se da importação dos produtos alemães e para crear, sob a direcção do Instituto do Vidro, e na terra clássica do cristal de Boémia, também êste último ramo da industria do vidro.

Por fim, chegamos á bijouteria de vidro (artigos de Gablonz), de fama mundial,

É natural que esta industria, tão caprichosa e exótica, nos mostre o "dernier cri". Não se trata dos "bangles", universalmente conhecidos das nações orientais, mas dos produtos minúsculos e elegantes destinados a adornar as casas modernas, tais como os animalitos de vidro soprado, cavalitos de corrida, cervos, peixes em aquários, bailarinas, esquiadores, jogadores de tennis (entre êles a caricatura do Rei da Suécia), várias plantas, como cactus, tudo cheio de graça, movimentado e brilho.

Como a mais linda coisa desta secção pode considerar-se um busto de rapariga, feito de cristal e adornado com um colar de pérolas artificiais e com uma mala branca e pura da mesma matéria.

Vlastimil Kybal.



Dr. Augusto de Castro



O antigo director do *Diário de Notícias* — onde marcou a letras de ouro a sua passagem — agora desempenhando o alto cargo diplomático de nosso representante no Quirinal, acaba de publicar mais um livro: «Sexo 33 ou a revolução da mulher». Escrito numa linguagem vivíssima e elegante, com grande espirito de observação a última obra do sr. dr. Augusto de Castro tem sido um acontecimento no nosso meio literário. Oportunamente mais larga referência lhe faremos.

Dr. Rodrigues Lapa



ENTRE o nosso professorado, o sr. dr. Rodrigues Lapa vem marcadamente um lugar. A sua obra em prol da nossa língua e da nossa literatura é já alguma coisa digna de nota. O iustre catedrático acaba de publicar um volume intitulado «Lições de Literatura Portuguesa» (época medieval), que é destinado ao ensino da nossa literatura nas Faculdades de Letras e ainda aos últimos anos do curso liceal. Segundo o seu autor, este livro constitui o esboço duma obra de maior envergadura e servirá de base para o segundo volume da sua «História da língua e da literatura portuguesa», de que saiu já o primeiro volume.

Victoriano Garcia Marti



OS assuntos galaicos prendem-se sempre com Portugal. A alma galega serve mais uma vez de motivo a um interessante livro, agora vindo a público, com o título de «De la zona Atlántica» (Galicia e Portugal) da autoria de Victoriano Garcia Marti, nome bastante conhecido na literatura espanhola. É um apanhado de notas sobre assuntos galaicos, que muito nos diz respeito, por nelas se focarem quasi intimamente o sentimento e o lirismo portugueses. O curioso volume é dedicado ao sr. dr. Fidelino de Figueiredo, nosso ilustre colaborador e distinto publicista e professor.

NOTICIAS DA QUINZENA

Uma esquadra inglesa no rio Tejo

ESTEVE no porto de Lisboa a 5.ª esquadra ligeira da armada britânica, constituída pelos contra-torpedeiros *Wallace* — navio chefe — *Warwick*, *Velez*, *Versatile*, *Walker*, *Vimy*, *Watchman* e *Whird*. Todos estes barcos estiveram amarrados, em grupos de três, na doca de Alcantara. A esquadra era comandada superiormente pelo comodoro *Lyster*. Em honra dos officiaes e marinheiros foi organizado um programma de festas, tendo havido na embaixada inglesa uma recepção, para a qual foram convidados os membros do governo e a officialidade portuguesa.



Um chá na legação de Espanha



O ministro de Espanha em Lisboa, sr. dr. Ramiro de Montesinos, na ausência do embaixador, ofereceu há dias, no palácio de Pálhava, um chá, a que assistiram alguns membros do governo, quasi todo o corpo diplomático, altas autoridades civis e militares e muitas figuras da nossa primeira sociedade e da colónia espanhola.

Deportados políticos argentinos em Lisboa



A bordo do «Pampa» — pequeno navio de passageiros que o governo argentino transformou em transporte de guerra — chegaram ao Tejo, há dias, alguns deportados políticos de Buenos-Aires. Entre eles, viajava — e fixou residência em Lisboa — o ex-presidente da Argentina sr. dr. Marcelo Alvear, que é casado com a sr.ª D. Regina Paccini Alvear, portuguesa de nascimento. De 22 deportados, 5 desembarcaram, tendo os restantes seguido viagem para Vigo, Havre, Hamburgo e Liverpool. O antigo presidente da Republica Argentina, ao desembarcar, disse aos jornalistas: «Volto a Lisboa e sinto a ternura que sempre me inspiraram esta bela terra e o seu grande povo; além dos laços familiares, sinto-me preso a uma e a outro por motivos espirituais cada vez maiores». O «Pampa» esteve só 24 horas no Tejo tendo seguido viagem para Vigo.

Manuel da Silva Galo



MORREU o pae do célebre autor do famoso romance histórico «Mário»: Deixou uma vasta obra literária. Manuel da Silva Galo — que foi mestre de cerimónias da Universidade de Coimbra — colaborou em vários jornais e revistas. Tinha grandes qualidades de poeta, de romancista e de crítico. As letras portuguesas perdem em Silva Galo alguém que muito trabalhou e que, também, muito as honrou. Foi escritor de teatro. No antigo teatro D. Amélia representou-se, em 1903, um drama da sua autoria intitulado «A encruzilhada», peça que foi premiada num concurso de arte dramática.

D. Emília de Sousa Costa



Foi agraciada com o officialato da Ordem de S. Tiago da Espada a sr.ª D. Emília de Sousa Costa, conhecida escritora e que tem prestado ás letras portuguesas grandes e revelantes serviços. O governo concedendo-lhe essa alta distincção — assim como o fez á sr.ª D. Maria Lamas, outra brilhante senhora de letras que muito tem contribuido também para o desenvolvimento da literatura infantil entre nós — quiz galardoar os seus méritos literários e premiar, com essa condecoração, os serviços prestados.

Ferreira de Castro

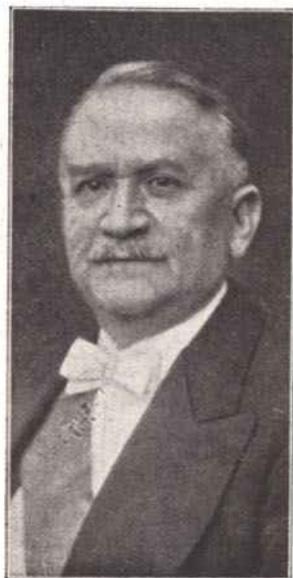


FERRERA DE CASTRO é um nome na literatura portuguesa. Cada obra sua corresponde a um exito seguro de livrarla. O seu último livro «Terra Fria» — onde se descreve a vida da aldeia de Barrancos e dos seus habitantes — é dos que marca a personalidade dum homem de letras. Ferreira de Castro é um escritor masculino, espontâneo, constructivo. A sua prosa é sincera, saudável e denota intelligência em todos os seus períodos. «Terra Fria» é dos livros que todos devem ler. O caracter e o terreno onde habita aquela gente humilde, são dados com pinceladas dum autêntico prosador — dos que melhor tem tido a literatura portuguesa.



O presidente da República Francesa Albert Lebrun

Outros procuram aproximar-se do Ministério da Guerra e do Palácio da Justiça.



O novo chefe do governo Gaston Doumergue

Um momento grave Após uma série de Paris regressa com Doumergue na

prefeito de Paris recusa esse novo cargo, dando assim, como espirituosamente o disse uma revista francesa, «prova de menos espírito de disciplina que o marechal italiano Balbo, ao accitar o exílio dourado de Eritreia.

Emile Fabre, secretário da «Comédie Française» é igualmente demitido. E o mesmo sucede a diversos funcionários administrativos.

A Primeira consequência destas medidas, que na aparência nada justificava, foi a demissão dos ministros da Guerra e das Finanças, Fabry e Pictri, e do sub-secretário do Ensino Técnico, Doussain.

A França está atravessando um grave momento da sua vida política, cujos efeitos se repercutem dolorosamente em todo o mundo.

Pela sua situação geográfica e, mais ainda, pelo ascendente enorme e prodigiosa expansão do seu espírito, a nação francesa é um dos centros nervosos da Humanidade, cujas convulsões reflectem a gravidade do momento que passa.

Justamente considerada o «país do equilíbrio», a França manteve até há pouco um aspecto de serena tranqüillidade que contrastava com o panorama de desordem do Mundo inteiro.

Mas a crise moral que ameaça subverter tudo, minava-a já a despeito do seu bom senso. E ante os resultados dessa crise, o espírito ativo do povo francês ia reagir num irresistível e impetuoso movimento.

Dois escândalos sensationais vieram denunciar a extrema acuidade do problema que se debatia. Um, a espantosa burla de Stavisky por intermédio do «Credit Nationale» de Baiona; outro, o caso tristemente célebre do «Banco da União Geral dos Funcionários».

A opinião pública foi despertada pelo ruído feito em volta destes casos. O escândalo alastrava de momento para momento, ameaçando subverter todos os princípios de autoridade, espalhando uma mancha enorme por sobre a Lei e a República. Figuras prestigiosas eram atraídas por esse torvelinho de ilegalidades, abusos e transigências. Choviam as acusações, surgiam as denúncias. O escândalo atingia por fim o governo. Dalimier, ministro das colónias e Raynaldy, ministro da justiça pedem, successivamente a sua demissão em vista dos violentos ataques de que são alvo por parte de alguns jornais, à frente dos quais avulta «L'Action Française».

O ministério, por sua vez, não resiste ao embate violento da opinião pública. No dia 27 de Janeiro, a despeito das medidas tomadas pela Polícia contra os «camelots du roi», as manifestações succedem-se nas ruas de Paris. Na Madeleine os populares entoam a «Marselhesa» e gritam «Abaixo os ladrões». Um grupo tenta atacar o Palácio Bourbon, sede da Câmara dos Deputados, e é repellido a custo pela Polícia.

a sua avançada idade. Este facto ao ser conhecido causou funda decepção no ânimo público que esperava do prestígio do eminente estadista francês a solução dos mais angustiosos problemas do momento.

Em vista disso, o Presidente da República, prossequindo nas entrevistas da praxe, convidou Daladier a formar governo, cargo que este accitou. E no dia imediato apresentava a Lebrun a lista do seu ministério, constituída com representantes das minorias esquerdistas o que devia garantir-lhe no Parlamento uma maioria suficiente.

Uma vez no poder, o ministério, Daladier toma diversas medidas que impressionam fortemente a opinião pública, já muito excitada. O prefeito da Polícia de Paris, Jean Chiappe, é demitido e nomeado para o substituir Bonnefoy-Sibour. Como compensação, oferece-se a Chiappe o cargo de Residente Geral de Marrocos, mas o popular



«A imponente manifestação da União Nacional dos Combatentes, vendo-se em cima, o presidente desse organismo ferido no reconto com a polícia

da política francesa

tumultos sangrentos à normalidade chefia do govêrno

Daladier consegue reconstituir, porém, o seu ministério, a que vêm juntar-se Paul-Boncour e Marchandau que preenchem as vagas abertas pela saída de Fabry e Pictri.

No dia 6 de Fevereiro, o novo govêrno apre-



O transporte dos feridos durante a refrega

sentou-se finalmente ao Parlamento fazendo-se a leitura da declaração ministerial. Nessa declaração o govêrno pedia que o julgassem apenas pelos seus actos. Justificava as demissões nos cargos administrativos por ter verificado da parte de alguns funcionários, falta de zelo e enfraquecimento do sentimento das responsabilidades. Insistia finalmente por que o orçamento fosse aprovado antes de 31 de Março.

A sessão parlamentar decorreu agitada. Essa agitação degenerou em certa altura em tumulto. O govêrno, como a oposição se mostrasse disposta a tornar infundáveis as interpelações, pôs a questão de confiança, que foi aprovada por uma maioria de cerca de cem votos.

Enquanto se realizava esta sessão tumultuosa, que, na definição dum jornalista francês, «fazia lembrar as cenas da Convenção», cá fóra, na rua, as manifestações atingiam uma importância incalculável. A multidão enfurecida tentou lançar fogo ao Ministério da Marinha, situado à esquina da Praça da Concórdia para a Rua Royal. Uma manifestação, composta por cerca de dez mil veteranos da guerra, avançou impetuosamente em direcção ao Parlamento soltando gritos hostis à situação. A multidão no seu desvaio atacou a força pública causando-lhe algumas baixas. Esta, por sua vez, procurou reprimir

Aspecto da praça da Concórdia, durante uma das manifestações que se dirigia ao Parlamento

violentamente as manifestações. E o resultado foi que o dia 6 de Fevereiro ficou assinalado por uma mancha sangrenta na história da França. O número de mortos é calculado em vinte e o de feridos subiu a várias centenas.

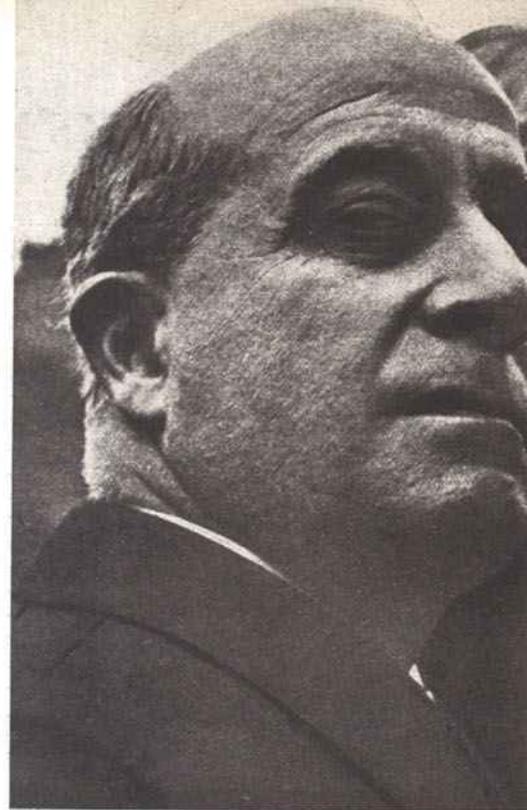
As manifestações repetiram-se durante a noite. A multidão conseguiu romper as barreiras da Polícia que lhe impediam o acesso do Parlamento, mas a intervenção da Guarda Republicana frustou o seu objectivo.

O espectáculo que o centro da capital francesa oferecia após estes trágicos acontecimentos era indisciplinável. Ao longo da Avenida dos Campos Eliseos viam-se fogueiras acesas. Junto ao obelisco da Praça da Concórdia fóra construída uma barricada com árvores arrancadas e destroços de carros. Os prejuizos causados por estes tumultos orçam-se em mais de três milhões de francos. No dia seguinte os tumultos repetiram-se ainda com maior violência. Os manifestantes atacavam os agentes de Polícia, pretendendo assim vingar os excessos desta no dia anterior. Em contraposição, a defesa oposta pela Polícia era frouxa. Desmoralizados pelo ímpeto irresistível do movimento popular, os guardas evitavam a todo o transe o derramamento de sangue. Apesar disso o número de mortos, neste segundo dia de manifestações, ainda se elevou a quinze e o de feridos a mais de novecentos.

O govêrno, que a princípio se dispusera a reprimir as manifestações pela força chegando a encarar a proclamação da Lei Marcial, reconheceu depois, em presença da atitude hostil da população, que só lhe restava demitir-se. Ao fazê-lo, declarou ser seu propósito impedir com isso o derramamento de sangue, que, pelo que atrás deixamos ex-

posto, atingiu já proporções trágicas. Em face da gravidade da nova crise política, o Presidente Lebrun insistiu de novo com Doumergue, apelando, para o seu patriotismo, no sentido de formar um Govêrno de União Nacional que restabelecesse a ordem e o prestígio da lei. Não foi em vão Doumergue, cuja decisão parecia ser inabalável, acedeu desta vez em trocar a tranquilidade da sua casa de Tourneville pelo ambiente excitado de Paris.

Esta decisão foi acolhida pelo povo francês com entusiasmo. A sua chegada a Paris, o novo chefe do govêrno foi ovacionado com delírio pela multidão. Bastava essa circunstância para demonstrar que a França encontrára finalmente o chefe que a conduziria a melhores dias, apoiado no prodigioso bom senso e admirável sentido de equilíbrio do seu povo.



Jean Chiappe, o prefeito da policia de Paris, que o govêrno Daladier demitiu



Festas de caridade

NAS BELAS ARTES

As três «matinéés infantis» de caridade, que se realizaram no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, nas tardes de domingo magro, domingo gordo e terça-feira de Carnaval, levadas a efeito por uma comissão de senhoras solteiras pertencentes á nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes: D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Amélia Moraes de los Rios Frois, D. Maria Antónia Cabral Gentil, D. Maria Cecília de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria da Conceição Cohen Espírito Santo Silva, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria José Moraes de los Rios Frois, D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Rita Moraes de los Rios de Castro, D. Maria Teresa de Castro Pereira Guimarães, e D. Vera Betencourt Moreira de Carvalho, cujo produto se destinava a várias obras de beneficência, decorreram com extraordinária animação, sendo abrilhantadas por duas orquestras «jazz-band» que tocaram alternadamente.

Na segunda «matinée» houve concurso de creanças mascaradas, tendo presidido ao júri o pintor Eduardo Malta, e sendo distribuídos artísticos prémios.

Carnaval elegante

Durante o Carnaval realizaram-se numerosas festas e bailes, sendo digno de nota especial sobretudo os efetuados no «Avis Hotel», «Casino Estoril» e «Avenida Pálace» respectivamente nas noites de domingo, segunda e terça. Fôram sem dúvida alguma, esses três recintos de diversões, os que marcaram não só pela animação, como pela bela frequência, em que figurava tudo o que de melhor conta a nossa primeira sociedade.

No Grémio Literário

O baile anual do Grémio Literário, que por iniciativa do Conselho Director e duma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Fernanda Toscano Malheiro de Séves, D. Guita Calheiros de Menezes, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho e D. Marta Émauz Leite Ribeiro, e que se realizou nos vastos salões dessa aristocrática agremiação, na noite de sábado gordo, constituiu, sem dúvida alguma, um verdadeiro acontecimento mundano, sendo abrilhantado por uma orquestra «jazz-band» que se fez ouvir em um magnífico repertório de músicas modernas. Pelas duas horas da madrugada, foi aberto o salão de meza, onde foi servido uma finíssima «ceia».

Nos salões

A sr.^a D. Aurora Germana Pereira d'Éça e Albuquerque Leal, ofereceu na sua residência, á rua Victor Cordon, festejando o aniversário natalício de seu filho Tomaz, um «chá» a várias pessoas das suas relações, durante o qual se dançou quasi sem interrupção até perto das 22 horas.

Na assistência notavam-se entre outras as sr.^{as}:

Esposa do encarregado dos negócios do Chili, marquesa de Fontes Pereira de Melo, condessa de Proença-a-Velha, viscondessa de Sacavem, D. Cecília Carbonelli de Arenas de Lima, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio, D. Etelvina de Arenas de Lima Pereira d'Éça e filha, D. Maria da Assunção de Mendoça Cirne de Carvalho, D. Maria Émauz Leite Ribeiro e filha, D. Laura Sauvinet Bandeira, D. Adelaide Pereira Brandão, D. Alice Sauvinet



Os noivos — sr.^a D. Iria de Jesus Martins e o sr. Filipe Esteves Rodrigues — depois do seu casamento

VIDA ELEGANTE

Bandeira Bastos, senhora do dr. Alfredo Pimenta e filha, D. Marta Aires de Magalhães Vaz de Carvalho, D. Maria das Dores Pereira d'Éça e Albuquerque Lobato, D. Maria da Conceição d'Éça Leal Abecassis, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Germana Ferraz de Sequeira, D. Ana da Cunha Menezes Pinto Cardoso Taborda Monteiro, D. Maria Cristina Ribeiro da Silva Cordeiro Feio, D. Maria Angelina de Lacerda d'Éça Leal, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria Emiliana, D. Maria Cristina, D. Maria Emilia Cabral da Silva, D. Olimpia Carbonelli e Letino, D. Sara Pereira d'Éça e Albuquerque Lobato, D. Maria José Teles de Vasconcelos, D. Sofia Mac-Bride Fernandes, D. Maria Augusta Pereira d'Éça Alpoim, D. Maria de Lourdes Carvalho da Silva, D. Gabriela do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Filomena de Bragança Corrêa de Sá (Asseca), D. Helena de Figueiredo, D. Isabel Mayer Aires de Magalhães, D. Maria Emilia Fontes Pereira de Melo, D. Menina de Braz Vieira, etc., etc.

E os srs.:

Ministro da Bégica, encarregado dos negócios do Chili, marquês de Fontes Pereira de Melo, conde de Castelo Branco, visconde de Sacavem, visconde de Almeida, dr. Alberto Bramão, Luiz e Arenas de Lima, dr. Alf edo Pimenta, dr. Fidelino de Figueiredo, dr. António de Aguiar, dr. Eugénio Mac-Bride Fernandes, dr. Mário de Aguiar, dr. Carlos Silva, dr. Pedroso de Lima, dr. Henrique da Silva, Lourenço do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Luiz de Bragança Corrêa de Sá (Asseca), Jorge da Costa, Artur Abecassis, Carlos Cordeiro Feio de Noronha, dr. Jorge de Figueiredo, Fernando Eduardo d'Éça Leal, Frederico Pairedes, Armando da Câmara Rodrigues, Eduardo Guedes (Foz), João de Sequeira, D. Rodri. o de Castro (Nova Goa), Francisco Cabral Monada de Carvalho, Frederico Guilherme Correia Leite d'Éça Leal, etc., etc.

A illustre dona da casa e seu filho Tomaz, foram incansáveis de amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratíssimos com

os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

— No salão de mesa do Avis Hotel, ofereceram o sr. J. Courtauli e sua esposa, um baile, que decorreu no meio da maior animação e alegria.

Pela uma hora e meia foi servida em pequenas mesas, uma finíssima ceia, trocando-se afectuosos brindes, tendo-se também durante a mesma, dançado com verdadeiro entusiasmo, dansa que se prolongou até perto das sete horas da manhã; hora a que foi servido um pequeno almôço.

Na assistência notavam-se entre outras as senhoras:

D. Leonor Maria Corrêa de Sá Krupenski, marquesa de Cadaval, condessa de Carnide e filha, D. Livia de Arriaga e Cunha de Melo Breyner e filha, senhora de Du Bulay e filha, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha e filha, senhora de Collin, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho e filha, D. Maria Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo e filha, D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, D. Guita de Calheiros e Menezes, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Isabel de Avilez de Sousa Rego, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Inger Wieze e filhas, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Henriqueta da Gama de Castro Pereira, D. Maria Vitorina de Paiva Raposo, D. Isabel Blech de Lancastre (Lousã), D. Maria Teresa de Castro Pereira Guimarães, D. Berenice Rugeroni, etc., etc.

O sr. Courtauld, sua esposa e filha, foram incansáveis de amabilidade para com os convidados.

Casamentos

Realizou-se na paróquia das Chagas, o casamento da sr.^a D. Iria de Jesus Martins, filha da sr.^a D. Amélia de Jesus Martins e do sr. Manuel Joaquim Alves Martins, já falecido, com o sr. Filipe Esteves Rodrigues, filho da sr.^a D. Maria do Rosário Esteves Rodrigues e do sr. José Rodrigues Fernandes.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Adelaide de Oliveira Martins e D. Maria da Silva Pereira de Figueiredo e padrinhos os srs. Eduardo de Oliveira Martins e Serafim de Sousa Figueiredo.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Luz Mergulhão, filha da sr.^a D. Maria Carlota Luz Mergulhão e do capitão-tenente sr. Manuel Corrêa Mergulhão, já falecidos, com o sr. Humberto Bizarro de Mergulhão Botelho, filho da sr.^a D. Beatriz Adelaide Bizarro de Mergulhão Botelho e do sr. António Freire de Mergulhão Botelho.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Lúcia de Moraes Luz, tia da noiva e D. Emilia Brazão Bizarro da Silva, avó materna do noivo e padrinhos os srs. José Manuel Luz Mergulhão, irmão da noiva e o sr. dr. Tomaz Ribeiro Colaço. Celebrou o acto religioso, o reverendo monsenhor Alfredo Mergulhão, comissário da Ordem Terceira de S. Francisco, e primo dos noivos, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

— Com grande brilhantismo realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Emilia Ferreira Palhares, filha da sr.^a D. Emilia Ferreira Palhares e do sr. Júlio Palhares, com o sr. Carlos de Brito Tavares, filho da sr.^a D. Augusta de Brito Tavares e do sr. Augusto da Silva Pereira Tavares, primeiro assistente farmacêutico do Hospital Escolar de Santa Marta.

Foram madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Assunção Ferreira e a mãe do noivo e padrinhos os srs. Júlio Cezar Ferreira, tio da noiva e Carlos Tavares, tio do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva, um finíssimo «lanche» da pastelaria «Versailles».

D. Nuno.

A rainha Cristina da Suécia foi interpretada pela "estrela,, Greta Garbo

SEGUNDO dizem os jornais de todo o mundo, há já muito tempo que Greta Garbo manifestava desejo de fazer reviver no *ecran* essa bela figura histórica que foi a rainha Cristina da Suécia.

Para quem conhece a curiosa personalidade da soberana sueca, o empenho de Greta Garbo tem uma explicação lógica e evidente. De facto, a psicologia e o caracter dessas duas mulheres diversamente famosas que viveram com três séculos de intervalo oferece pontos de contacto singulares.

A rainha Cristina é na História, tal como Greta Garbo, no cinema, uma figura, a um tempo misteriosa e atraente. A sua vida forma um surpreendente romance, tanto mais curioso quanto é certo que a protagonista, mulher inteligente, despida de preconceitos e cheia de originalidade, viveu em princípios do século XVII.

Com razão os seus biógrafos a consideram uma das mais enigmáticas e cativantes personagens da História. A sua sedução pessoal era, ao que se diz, irresistível. Era adorada por quantos dela se aproximavam.

Tinha um temperamento inconstante. Sustentava corajosamente as suas opiniões. E assim, fazia sempre o que lhe apetecia, manifestando em tudo a mais completa indiferença pela opinião pública.

Possuía uma cultura vastíssima. Tinha a paixão da leitura e a sua biblioteca era, no seu tempo, uma das mais valiosas do mundo inteiro. Um dos seus maiores prazeres consistia em ouvir dissertar as grandes mentalidades da época. Punha especial empenho em se rodear dos espíritos mais elevados e entre os seus companheiros favoritos conta-se o genial filósofo francês Descartes.

As suas mãos eram brancas e magnificamente modeladas, mas ofereciam, simultaneamente, um aspecto possante e viril. Tinha uma voz doce e grave que dava particular encanto à sua conversa inteligente e espiritual.

Nasceu em 1626. Foi coroada rainha da Suécia quando ainda contava apenas dezoito anos. O seu feitiço independente não se conciliava com o exercício do Poder. Pouco tempo depois quis abdicar da coroa que lhe fora imposta. Mas o povo, que a adorava, não lho consentiu. E a jovem rainha teve de esperar dez anos, antes que lhe fosse consentido abandonar o trono e voltar a ser, como ela pretendia, uma mulher simples e livre.

Esta preocupação da liberdade dominou, de resto, toda a sua vida. «Preferia morrer, a casar-me — dizia ela por vezes. — Nunca poderia permitir que um homem me tratasse do mesmo modo que um lavrador trata o seu campo».

Um grande historiador definiu a rainha Cristina nesta admirável síntese: «um génio impetuoso, sedento de viver e aprender».



Por tudo o que fica dito já o leitor avaliou de certo quão profundas são as semelhanças de carácter e sentimento entre a rainha sueca e a mais famosa das «estrelas» de cinema. Mas há ainda outra circunstância que, por ser mais aparente, melhor marca ainda a similitude entre ambas.

Cristina da Suécia era muito original no trajar, o que mais notado se tornava ainda na sua época. Afirmava com orgulho ser «a mulher que menos se preocupava com o vestuário em todo o mundo». Para que um traje lhe agradasse a condição essencial era de que fosse discreto, sóbrio e quanto possível masculino. Usava sempre sapatos sem salto, um casaco sem enfeites, uma gravata e um chapéu que punha e tirava com a semcerimónia dum homem.

Por estas razões e por outras de certo muito mais íntimas, Greta Garbo desejava evocar ante a câmara a figura da rainha sua compatriota. E a oportunidade ofereceu-se há tempo quando a «Metro» decidiu a realização dum filme sobre a vida da rainha sueca, que confiou ao talento artístico do grande realizador Rouben Mamoulian e para cuja interpretação foi desde logo escolhida Greta Garbo.

O filme em questão encontra-se terminado e foi exibido recentemente em Nova York e Paris. Sabe-se já, por isso, que o argumento não tem o interesse palpitante que se poderia esperar. Na realidade, o tema principal consiste numa romanesca aventura de amor em que a fantasia dos argumentistas domina a verdade histórica. A anedota conta-se em poucas palavras:

A rainha Cristina encontra durante um dos seus passeios a cavalo um embaixador espanhol que traz a missão de a pedir em casamento para o seu soberano. Pouco habituado às neves nórdicas, o jovem diplomata está numa situação difícil de que Cristina o ajuda a sair. Como de costume, a soberana usa trajes masculinos. E o embaixador relaciona-se com ela sem imaginar de quem se trata e equivocado mesmo sobre o seu sexo.

Calcula-se, portanto, a sua surpresa quando passados poucos dias lhe entrega no Paço as suas credenciais. Mas a rainha não ficou insensível à sedução do espanhol. E tempo depois, com grande escândalo da Corte, resolve abdicar para seguir o homem a quem ama.

Historicamente, o filme está, pois, falseado. Mas a interpretação incomparável de Greta Garbo faz esquecer essa circunstância. A grande «estrela» sueca dá-nos neste filme uma das suas maiores criações.

Ao lado da grande artista veremos John Gilbert que procura reconquistar a brilhante posição que possuiu e perdeu. A sua presença neste filme deve-se, em grande parte, a Greta Garbo que para esse fim usou a sua influência pessoal.



O Carnaval e o amor vistos através todos os povos

Em toda a parte os três dias de Entrudo são dias de loucura, dias de alegria. De loucura para os adultos e de alegria para as crianças.

Mas cada povo tem a sua maneira de aproveitar essa quadra de folia, segundo os seus costumes.

Em Paris, é o Carnaval aristocrático, com as suas ricas "toilettes", desfilando pelas escadarias da Opera, como numa apoteóse de revista.

Nas ruas, grupos de mascarados desfilam, quasi sempre acompanhados por orquestras tocando a cançoneta do momento.

O *demi-monde* diverte-se no Moulin-Rouge e Folies-Bergère, e ganha bons proventos com a sua percentagem no preço das bebidas.

Porque as mulheres galantes bebem, não pagam, e ainda percebem um prémio pecuniário por cada "tosguinha" que apanham ou fazem apanhar aos seus companheiros de ocasião.

Foi a França o país que se lembrou primeiro de interessar e fazer uma espécie de sócias as "belas da noite", ou "pillons".

Hoje esse meio de propaganda do alcool está generalizado ou quasi, pelo mundo todo nos music-halls e até as artistas, por contractos, devem levar os admiradores a fazer despesa, com percentagem nas contas.

Em Madrid, na Puerta del Sol é a reunião das máscaras, que daí se escoam para as principais artérias que ali desembocam, enchendo sobretudo a Calle de Alcalá, mais propícia a uma brilhante exposição com os seus passeios amplos e bem calçados.

Aparecem alguns figurinos importados de França, arrancados á história com as suas saias-balão e mangas tufadas. Mas a maioria prefere o traje nacional caído em desuso, e os cortejos das manolas, galeguitas e chulos sucedem-se, como numa ância de restauração do passado.

Nas praças, improvisam-se "verbenas", onde pares enlaçados amorosamente, bailando as tradicionais "scotish" e "mazurka", rodípiam ao som de um "organillo", roufenino que um cego toca maquinalmente, pensando apenas no pãozinho de amanhã, e alheado da animação que o circunda.

Em Veneza é onde o Carnaval é mais poético com os seus canais coalhados de gondolas transportando grandes damas



antigas de chapéu desabado, onde se prende uma rica mantilha, que desce pelas espáduas em ondas scintilantes de lantejoulas.

Á noite, então, o espectáculo é feérico com os seus balões e festões de flôres, enquanto um gondoleiro canta uma doce barcarola, com essa intuição rara do "bel-canto", que os italianos possuem no mais alto grau.

Nice é quem detem, até hoje, o cédro de imperatriz da graça, do encanto e mesmo da elegância, nesse género folião.

Todos os que podem amealhar uns cobres ali vão dos vários pontos do globo assistir a essa parada de carros engalanados e vistosos, que lindas caras de esbeltas mulheres abrilhantam mais ainda.

Reis e vassallos, grandes e humildes, irmanam-se, no mesmo gôzo e na mesma sensação que a arte e a beleza que presidem às suas animadas batalhas de flores lhes despertam.

O carnaval lisboeta não é nem nunca foi tão rico e tão deslumbrante como nas cidades citadas, mas foi com certeza o mais franco o mais brincalhão. Às vezes, insolente como um garoto mal educado, o papá Entrudo, nesta terrinha à beira-mar plantada, nunca deixou, contudo, de ser em qualquer circunstância bom rapaz.



É pena que a civilização e o progresso o tenham atarantado, a ponto de começar a estar bastante jarreta.

Mas, com mais luxo ou menos luxo, o que o Carnaval não deixa e de alcovitar pelo mundo fora.

É casamenteiro até à medula e tem um geito especial para meter as mulheres à cara do homem menos acessível a ternuras e por mais prevenido que esteja contra as artimanhas femininas.

É durante esse tempo de liberdade bem aproveitada que se arranjam muitos namoros e variados *flirts* que têm fins diversos.

Mas onde essa alcovitice vai mais longe é na Alemanha, o país da cultura do nu.

Ali ama-se às claras, sem véus e sem desculpas.

Os pares saém dos *dancings* para as "garçonnières", de ânimo leve, sem cerimónia.

Há então uma cidade, Mayença, onde nesses três dias loucos o amor reina absolutamente sem freio e sem medida, com uma desenvoltura que faz arrepios aos menos púdicos. Questão de temperamento.

As próprias mulheres casadas têm direito a dar um golpesinho no contracto matrimonial, se quiserem.

É verdade que elas não largam a mascarilha senão quando bem instaladas recatadamente comendo camarão, como na célebre canção:

"En mangeant des écrivisses
en cabinet particulier."

Se o Carnaval viesse para cá com essas ideias era corrido a tiros de pistola.

Mas nessa não cai êle. Sabe que no Sul os estômagos são mais delicados e não suportam certas comidas.

E o amor aqui tem mais calor, é egoísta e não gosta de repartir.

É "tudo para mim"... enquanto não se farta.

Mercedes Blasco.

A GRAÇA ALHEIA

Lloyd George está ao lado da Alemanha?



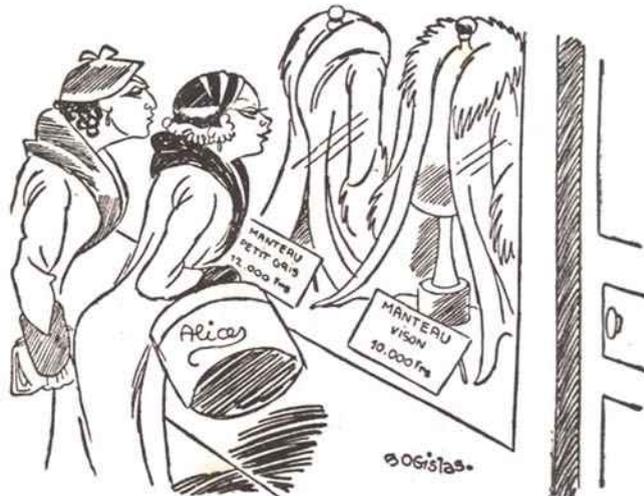
Não foi Lloyd George que mudou ..



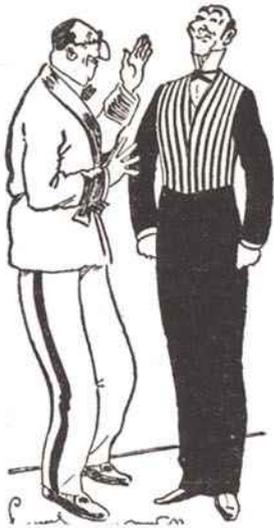
... foi a Alemanha!



O convidado — Aquele é que é o célebre professor Morgue?
O sócio — E'. E' o grande animador cá do clube. Se acordar a tempo hei de de t'o apresentar.



— Gostava de ter um casaco destes... mas novo!
— E' preciso primeiro arranjares... um velho!



— Vou deixar de ser criado de V. Ex.^a... Saiu-me o primeiro prêmio da lotaria...
— Não há nada perdido... Passo eu para teu criado...



— Acuda, acuda! A sua senhora caiu à linha!
— Não lhe dê isso cuidado. Não puxe o alarme. Tenho bilhete de ida e volta... Quando regressar vou apanhá-la.



— Se todas as partes do corpo se renovam de 7 em 7 anos, já não sou a mulher com quem casáste...
— Há seis anos e meio que sei disso...



— Olha lá, João, que diferença há entre estes bifés de quatro francos e os de cinco?
— Com os de cinco francos o senhor terá uma faca que corta melhor.



— O «Casino» e as «Folies» andam a guerrear-se no reclame...
— Andam... Até lhe chamam já a guerra dos cem anos...



— Agradeço a todos a última subscrição que fizeram a meu favor... mas ficaria muito reconhecido à pessoa que me deu um botão de calças se na subscrição de hoje me desse as calças ..



— Julguei que era você o noivo...
— Não. Eu fui eliminado nas meias-finais.



— O senhor não «declarou» que tinha em casa um aparelho de T. S. F., mas eu ouvi agora perfeitamente... quando passava na rua...
— O aparelho que tenho em casa não é de T. S. F. ... é a minha mulher que estava a descompôr-me...

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

DECIFRAÇÕES

Satisfazendo pedidos que nos têm sido feitos, informamos os nossos prezados colaboradores que iniciaremos no próximo número a publicação das decifrações das secções anteriores e os respectivos apuramentos. O atraso na publicação destes resultados deve-se também a pedidos que nos foram dirigidos por concorrentes que têm de dividir a sua atenção por outras secções onde colaboram.

CORREIO

Azevedo e Bourbon, Carlos Elmano, Zúlate, Reinadio, Fonteli, Eu-isto, Vidalegre, Lérias, Sileno e Miraluz. — A todos estes prezados confrades os nossos melhores agradecimentos pela sua interessante e valiosa colaboração, que muito vem engrandecer esta secção.

IMPRENSA

A Gazeta — Ponta Delgada. — Recebemos a visita deste bem colaborado semanário, em que *Johema*, distinto pugnador nas lides edipistas, orienta uma interessante secção charadística, cujo desenvolvimento merece as mais elogiosas palavras.

Muito gratos pela visita e muitos anos de vida a *Johema* e à sua secção, para que possa levar bem longe o nome do charadismo luso.

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

1) O destino *liga* como *prisão* o irmão de leite. (2-2) 3

Pôrto

Miraluz

(Ao confrade «Carlos Elmano»)

2) Quando V. *enche* com *pequenas pedras* o *vão* de uma *parede*, logo a *«quantia»* (!) *gasta* me vem à *lombança*. (2-2) 3.

Lisboa

Reinadio (S. C. L.-T. E.)

3) A minha *irmã* *gosta* de *creme*, por ser *personagem importante*. (2-2) 3.

Lisboa

Ti-Beado

NOVISSIMAS

(A Cecília M. Freitas)

4) A menina «Cecília» não tirava a *vista* do *oficial de sala*. 2-2.

Lisboa

Micles de Tricles (T. E. — G. E. O.)

5) *Busca* o «animal» na *cachoeira*. 2-2.

Pôrto

Miraluz

6) A *aliança* *vive* ainda como uma *ligação*. 2-2.

Lisboa

Pérola Branca

7) *Pois foi!* O «animal» *comeu* o *presunto!* 1-1.

Lisboa

Pinoca (S. C. L.)

(Ao Director, agradecendo os seus elogios à em prosa...)

8) Aquele que *deixa*

(!) Quantia malaia.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 4

a sua religião por outra, sem ter piedade, é um *malvado*. 3-1.

Lisboa

Reinadio (S. C. L.-T. E.)

(Ao illustre Director desta secção)

9) Este «homem» tem muita «vida», porque é *prudente*. 1-2.

Luanda

Ti-Beado

10) Nunca «falha» uma *lacuna* numa *escritura*, sempre que esta é feita por uma *mulher jaldora*. 2-2.

Lisboa

Vidalegre.

SINCOPADAS

11) Que cantar *melodioso* tem aquele *indivíduo* que acompanha o cego! 3-2.

Lisboa

Africanista (T. E. L.)

12) A *sede* tem melhor *exterior*. 3-2.

Belém do Pará

Athenas (A. C. L. B.)

(A' illustre confrada «Moreninha»)

13) Você, *ilustre confrada*, tem bem as *qualidades* da «mulher portuguesa! 3-2.

Lisboa

Lérias (T. E.)

(Ao «Vidalegre», agradecendo a parte que me cabe na sua «Enfeitada»)

14) Um *espírito sublime* é sempre *digno* da nossa *admiração*. 3-2.

Luanda

Maete Ânimo

15) A *espingarda curta* *usa-se* pouco. 3-2.

Lisboa

Micles de Tricles (T. E.-G. E. O.)

16) Com um *vádo* não *parolo*. 3-2.

Lisboa

Olho de Lince (T. E. L.-S. C. L.)

17) A minha *polpa* da *perna* tem um *osso amplo*. 3-2.

Lisboa

Pinoca (S. C. L.)

23) ENIGMA FIGURADO

Lisboa

Dr. Sinal

18) *Abato-te a soberba*,
Meu grande *paspalhão*.
Se um dia te *apanho*,
A' porta do Ti-João. — 3-2.

Luanda

Ti-Beado

METAGRAMAS

19) A «doença» me deixou
Em grande *debilidade*,
Da *doença* me ficou
Mau sintoma, na verdade.

Essa doença *manhosa*,
Ter-me ia *arreatado*,
Se uma «mulher» *caridosa*,
Não me tivesse tratado. — 7-5.

Lisboa

Lérias (T. E.)

EM VERSO

20) A Mimi, a-pesar-da beleza,
De ser nova e gentil, «um peixão»,
Pinta a face a fingir *camoesa*,
E o «biquinho» a formar *coração*.

Que *trabalho* ela tem! Que *despesa*! — 2
A *pintar-se*, a *comprar* *vermelhão!*
Tem o «*saprumo*» e o *trajar* de *princesa*
É a *família* mal ganha *p'r'ó pão!*...

**Através* de uma *vida* de *gôzo* — 2
Lá se vai *quanto* ganha, o que *arranja*
Num *emprego* decente e *rendoso*,

No *vestir*, no *lugar*... *Farfalhece*...
É mal vai ao que *estraga*, ao que *esbanja*,
E não *guarda* *vintem* *p'r'a* *velhice*.

Lisboa

Braz Cadunha

21) É nada resta já do nosso amor finado,
Tudo passou, fugiu, nesta *carreira* *ingente*,
Agora, só no *Mundo*, eu vivo *abandonado*,
Eu vivo por *viver* — a *vida* é-me *indiferente*. — 1.

Amei-te, é certo, com um grande amor *fremente*,
Com o *fogo*, o *ardor*, de quem, *apaixonado*,
Só vive para *amar* *irreflectidamente*
A *candura* *ideal* dum *anjo* *idolatrado*. — 1.

O *nosso* amor, porém, já se *desvaneceu*...
Como *orvalho* que o *Sol*, aos *poucos*, *derreteu*,
Como *fumo* que o *vento* nos *ares* *dissipou*...

Hoje, apenas, *posso* uma *recordação*,
Que *guardo* com *enleio*, com *santa* *devoção*:
Teu *rosto* de *boneca*, que me *enfeitou*...

Lisboa

Lérias (T. E.)

LOGOGRIFO

22) Adoro o teu sorriso, o teu olhar,
A graça do teu rosto *divinal!*

Tua voz *crystalina*, de
[espantar,
É qual *gorgeio* de
[«ave» *matinal!*
4-7-3-4-7

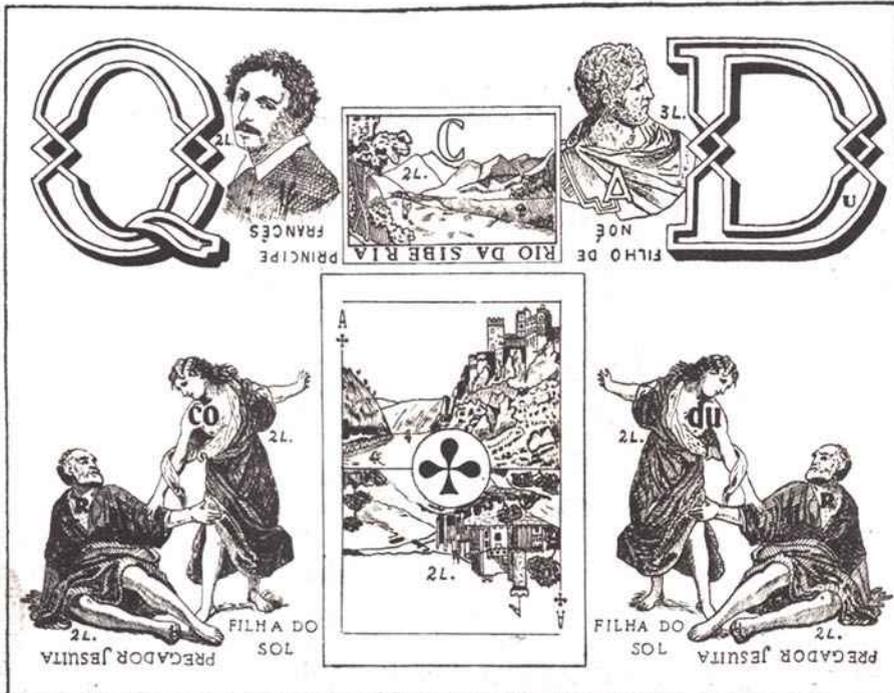
Teu porte *gracioso* e
[exemplar
Parece-me, *acredita*,
[«excepcional;
Teu perfil *foi* criado
[p'ra *encantar*,
É um perfil *exótico*, *fatal*. — 6-7-1-5-1-2

Por isso, eu *vendo*,
[assim, *tanta* *beleza*,
— Um *prodígio* da *bela*
[Natureza —
«Grito» *bem* *alto* a *mi-*
[nha *admiração*...
1-5-7-6-2

E, apenas, o *receio* de
[te *perder*
— Eu *tenho* *medo*, até,
[de *enlouquecer* —
Coroa a *minha* *vida* de
[«aflição!»...
Lisboa

Lérias (T. E.)

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.



CINEMA

Imagens da história

Os filmes históricos estão tendo, entre os produtores, uma popularidade sem precedentes.

Após o êxito triunfal de «Cavalgadas», conscienciosa reconstituição da história contemporânea, veio «A vida privada de Henrique VIII», belo filme que honra a indústria inglesa e que o público cinéfilo acolheu com o mesmo entusiasmo.

As grandes figuras históricas parecem ter beneficiado, em especial, desse vasto movimento. Assim George Arliss interpretou um magistral «Voltaire». Catarina da Rússia, a grande imperatriz que foi simultaneamente uma amorosa leviana e a admirável condutora dum povo, inspirou, quasi ao mesmo tempo, dois grandes realizadores — um em França, Raymond Bernard; outro em Hollywood, Joseph von Sternberg. O primeiro teve sob a sua direcção a magnífica artista inglesa Elisabeth Bergner. O segundo dirigiu a actuação da vedeta célebre que se chama Marlene Dietrich. Veio depois Greta Garbo, que numa espectacular produção que acaba de ser apresentada nos Estados Unidos, animou essa figura singular e emocionante da Rainha Cristina da Suécia.

Outras películas se preparam tendo por assunto episódios ou figuras históricas. Assim, anuncia-se a realização dum grande filme sobre a vida do sábio genial que foi Pasteur. Outro sobre «Napoleão íntimo». Um filme no género de «Cavalgadas», evocação da vida francesa nos últimos cinqüenta anos. A existência dramática de Maria Antonieta, a infeliz rainha que a Revolução levou ao patíbulo, inspirará também uma grande reconstituição histórica.

Finalmente, a figura entre todas emocionante de Joana d'Arc vai mais uma vez ser utilizada pelos produtores. Como se sabe a vida lendária da heroína francesa deu já a Marco de Gastyne o belo filme «A vida maravilhosa de Joana d'Arc», que Simone Genevois interpretou. Mais tarde, Carl Dreyer baseando-se no mesmo tema realizou esse filme espantoso que se chama «A Paixão de Joana d'Arc», e cuja técnica audaciosa veio revolucionar as fórmulas tradicionais da arte cinematográfica. Agora uma empresa britânica acaba de chegar a acôrdo com George Bernard Shaw para a adaptação ao cinema da sua famosa obra «Santa Joana». Diz-se que o autor impôs a cláusula de o papel principal ser confiado à grande actriz inglesa Katherine Hepburn.

Nem só os actores estão sujeitos à caracterização. É senão, veja-se:

Há pouco tempo os estúdios da «Metro» tiveram necessidade de três bustos: um de Pasteur, outro de Metchnikoff e outro de Jenner. Estes bustos faziam parte integrante da decoração dum sala dum hospital moderno, onde Clark Gable e Myrna Loy se deviam exhibir. Por isso o realizador tratou de os requisitar com urgência ao armazem de acessórios.

Não é possível imaginar nada mais completo do que estes armazens onde os mais heterogêneos artigos se acham reunidos. Mas por mais longe que se leve esse espírito de organização é impossível evitar que, uma vez ou outra, falte qualquer coisa indispensável, tão variáveis são as exigências da realização cinematográfica.

Assim, o chefe da secção de acessórios verificou com desespero ao receber a requisição que não possuía nenhum dos bustos pedidos, e não

lhe era por isso possível completar a decoração conforme lhe fôra ordenado.

Sucedde porém que existia uma meia dúzia de bustos de Voltaire, provenientes dum filme há tempo realizado nos mesmos estúdios. O caracterizador foi chamado para uma singular tarefa. Acrescentando umas barbas, fazendo uns traços discretos, logrou transformar a fisionomia dos bustos do escritor dando-lhes a dos famosos médicos.

Serão esses bustos caracterizados que o leitor verá quando entre nós fôr exibido «Men in white» (Homens de branco), filme cuja acção decorre entre homens de ciência num grande hospital moderno.

Adolphe Menjou, reconhecido como um dos doze homens que vestem melhor em todo o Mundo, pretende que qualquer homem solteiro pode vestir-se elegantemente mesmo que só ganhe por mês o equivalente a 500 francos.

Na sua opinião a elegância não é questão de dinheiro, mas sim de selecção, gosto e instinto. É a reforçar este conceito Adolphe Menjou afirma que nunca se vestiu tão bem como quando pretendia revelar-se no cinema e que nesse tempo ganhava menos de 500 francos. A título de informação digamos o que Menjou considera um guarda-roupa bem fornecido: Três fatos, sendo um azul ou preto, um castanho e um cinzento escuro; um traje de *soirée*; quatro pares de sapatos, pelo menos; e um mínimo de nove camisas por semana.

Poderia supôr-se que Walt Disney, o criador do rato Mickey, ganha somas fabulosas com esses pequenos filmes que são maravilhas de graça e engenho. Afinal não é assim e quem o diz é uma revista americana de cinema que noticia ter o ordenado do famoso desenhador sido há pouco aumentado para a modesta soma de 200 dolares por semana.

Está-se exibindo em Londres, depois de ter sido apresentado em Nova York, um filme que na sua forma original media cinqüenta e seis quilómetros de comprimento,

Trata-se da falada película que Eisenstein realizou no México com o apoio de Upton Sinclair e alguns amigos.

Como já em tempo dissemos esse filme chama-se «Trovoada sobre o México» e é a história desse belo país desde o tempo do Aztecas até os nossos dias.

Se fosse projectado na sua forma original levaria trinta e cinco horas a passar no *ecran*. Tal como está agora a sua projecção não dura mais de três horas.

Hal Roach festejou em fins do ano passado o vigésimo aniversário da sua carreira cinematográfica.

A carreira deste grande produtor de comédias e um dos mais brilhantes exemplos de esforço e competência que o cinema nos oferece. Começou como figurante de filmes de *cowboys*. Dotado dum grande espírito de iniciativa e dum pro-

Linda Parker, uma «estrela» da Metro



fundo sentido da comicidade, conseguiu ser, vinte anos decorridos, o maior produtor de filmes cómicos do mundo.

A festa da comemoração deste aniversário constituiu um acontecimento sensacional em Hollywood. Entre os muitos actores que Hal Roach revelou e ali foram levar-lhe a sua homenagem, viam-se Stan Laurel, Oliver Hardy, Jean Harlow, Thelma Todd e Charlie Chase.

A festa serviu também para comemorar a morte da «lei seca». No final Hal Roach revelou aos seus amigos a formula que sempre seguiu e que o levou ao êxito:

«Rodeio-me das pessoas com maiores aptidões que consigo encontrar... e deixo-os trabalhar à sua vontade».

O critico cinematográfico mais novo do mundo é, decerto, Vittorio Mussolini, filho do ditador italiano.

Conta apenas quinze anos de idade e é diutor dum jornal para rapazes que se publica em Roma três vezes por mês e tem o título de «Ano XII», que se refere à idade do regime fascista em Itália.

Vittorio, como filho dum potentado, tem a sua sala privada de exhibições cinematográficas, onde são projectados em primeira mão os filmes italianos e estrangeiros. Sobre esses filmes faz no já citado jornal as suas apreciações que são comentadas com o maior interesse por toda a mocidade italiana.



VIDA FEMININA

galhas, que lhe sobram, sem interesse e sem solidariedade.

Uma protecção, que procurasse trabalho aos que o não têm, que se interessasse pelo vestuário, pela saúde, pela educação das crianças, uma protecção sem soberbia pelos que dão e aceitam com confiança, pelos que a recebem, que vejam nos seus protectores um apoio moral nas suas desgraças. Os ricos esses que têm a felicidade de poder sem o mais leve sacrificio fazer o bem, poderiam estender a sua protecção a mais familias e assim a miséria seria diminuida, embora não acabasse, porque pobres houve e haverá sempre, em todos os regimes, em todas as sociedades e com todos os governos.

Dar aos pobres é emprestar a Deus, diz um provérbio nosso e é crear um bem estar em volta de nós, que influe no nosso. Mas há várias formas de dar e a esmola que se atira sem interesse e apenas como um dever que se cumpre, muitas vezes revolta, em vez de tornar aqueles que a recebem gratos.

A verdadeira caridade tem de ser feita com um certo carinho e com esse interesse que se adivinha no gesto de quem o faz. Se todos assim pensassem eu estou certa, que seria menor o número de revoltados e as ideias libertárias, de incêndio, saque e roubo encontrariam menos adeptos.

A indiferença daqueles a quem nada falta, por aqueles, que nada têm, tem contribuido e muito, para o estado de espirito que agita a humanidade neste momento e a mulher cabe uma grande responsabilidade, porque é a ela que incumbe, tratar de fazer um pouco de economias e de aplicar essas economias fazendo o bem, e de pôr na sua caridade um pouco do seu coração, tornando-a assim verdadeiramente eficaz.

M. de E.

A moda

ANTIGAMENTE nesta época do ano não havia festas, não se dançava, a quaresma era respeitada, hoje esse hábito como tantos outros foi posto de parte, e dança-se na quaresma, como em qualquer outra época do ano. A humanidade não quer já saber de mortificações e de abstinências, diverte-se sempre no entanto a época dos grandes bailes não é esta. Agora o que há em geral são pequenas festas íntimas em que são adoptados uns vestidos que não são muito decotados, nem de grande «toilette». Damos hoje às nossas leitoras vários modelos nesse tipo de vestido. Um deles em veludo preto da mais moderna forma é um vestido, que está bem em todo o género de noites. O tecido em veludo dá-lhe um aspecto rico, mas o decote que não é exagerado e as mangas, fazem com que, possa ser utilizado, para qualquer pequena festa que, não obrigue a grande «toilette». O outro vestido que o acompanha é em «taffetas» preto em túnica, sendo a saia de baixo em escocês. Com este tecido é também enfeitado o corpo e o casaco e com elle se faz também o laço de artista, que enfeita o pescoço. Uma novidade desta época são as blusas para usar à noite. Apareceram em todas as colecções elegantes. Damos hoje um modelo dessas blusas, muito bonito e

prático. Em «taffetas» a seda mais em voga, é em branco com o xadrez em vários tons de amarelo, Ata na cintura com uma faixa larga. É cómoda e prática esta «toilette» que tanta voga teve já e que há muito tinha sido postas de parte pelos ditadores da elegância.

Como vestidos temos um lindo figurino em pesado «crêpe romain» do mais belo efeito, modêlo de Augusta Bernard, é o bastante para que se saiba que se saiba que é da mais requintada elegância, para o que não pouco contribui a sua linda cor em rosa orquídea. O «breits chwanz» parecia fora de moda, mas está reaparecendo e damos hoje um lindo casaco que é muito útil para as frias, que nos tem martirisado este inverno. Clássico e duma grande elegância este casaco em «gris foncé» e guarnecido por uma gola em «renard argenté». A borda do casaco é igualmente enfeitada por uma larga tira de raposa que sobe, num gracioso movimento guarnecendo a frente do casaco. O contraste entre as duas peles é do melhor efeito e dá um aspecto de alta elegância e grande «chic» a este lindo modêlo.

Ser sempre novo

É a última receita para ser sempre novo, apesar dos anos e dos desgostos. Não a lança uma luminária da ciência, mas sim um bailarino, mas um bailarino de primeira classe. A sua escola de dança é das mais célebres de Berlim e é elle que encaminha nos floridos caminhos de Terpsicore as mais lindas mulheres da Metrópole. Ao que elle diz, para ser novo, basta comer e dançar. Elle disse a um reporter do *Berliner Tageblatt*. O alimento está misteriosamente ligado ao nosso bem estar tanto físico, como intelectual. Quereis estar bem e comei de tudo, uma alimentação sã é o melhor reconstituente. Naturalmente que no comer se quer uma certa medida, mas uma coisa é não exagerar e outra é comer como um passarinho. A alimentação ideal é a que encontramos na Biblia vinho, azeite e fermento. Pelas festas carne. Os antigos alimentavam-se assim e eram fortes. Pela minha parte não como muito. Quanto a carnes prefiro a vitela. Mas não creio que a carne seja essencialmente necessária á existência. Um sorvete de baunilha é o ideal. Uma vez por dia o meu regime é simples, bebo água de manhã um pouco de fruta cosida pão torrado e um copo de leite.



EM todos os países a falta de trabalho e a miséria, tem preparado um terreno propício às revoltas sociais, que o egoismo das classes rica e remediada, mais fértil têm tornado ao desenvolvimento dessas ideias, contra a sociedade constituída.

A sociedade actual não é perfeita muitos e gravissimos defeitos a tornam defeituosa, mas peor muito peor seria a que fôsse organizada por esses homens sem preparação moral, nem intelectual, sem crenças e sem respeito por cousa alguma. A ambição do mando os move e agitam as massas crédulas dizendo-lhes que a miséria acabaria e que com o saque e o roubo enriqueceriam e seriam felizes. Só os ingénuos e os ignorantes podem acreditar em tais teorias, porque qualquer pessoa medianamente intelligente comprehende, que o que poderia alcançar num roubo, servir-lhe-ia para comer apenas uns dias e que a sua vida de miséria continuaria exacerbada ainda pela confusão, que se segue a uma convulsão dessas e não temos melhor exemplo do que a Rússia. Mas a culpa desse desvaivramento que a fome e a miséria aconselham, parte também muito do egoismo da maioria, dos que estão instalados na vida, com bem estar e conforto. As obras de caridade são muitas, os asilos multiplicam-se para crianças e para velhos. Este ano pelo natal foram imensas as esmolas feitas pelo governo e pelos particulares, mas tudo isso que é muito, é ainda muito pouco, para o oceano de desgraça que ameaça, com a crise económica, submergir o mundo.

Tem-se feito muito, mas é preciso mais. Além da caridade que se faz para os estabelecimentos onde os infelizes se albergam há uma outra, que eu tenho a impressão modificaria muito a situação entre os que têm mais e os que nada têm. Se cada familia remediada, que vive com todo o conforto protegesse uma familia pobre, as cousas modificar-se-iam. Mas essa protecção não se deve limitar apenas a atirar-lhe com as mi-



Ao meio dia um prato de legumes e um ovo: À noite uma costoletta um pouco de frango e fruta. E depois danço, o dançar ajuda a digestão.»

O guarda-chuva

DENTRO de vinte anos, o guarda-chuva será uma curiosidade de colecionador — diz-nos o «Temps». Dantes quando se olhavam os «boulevards» duma janela, via-se — às primeiras gotas de chuva — abrir mil guardas-chuva. Cruzavam-se, batiam-se e parecia às vezes que iam dar batalha a um feroz inimigo, sem ómbus. Hoje já os guardas-chuva são menos numerosos nos passeios. Os transeuntes caminham com as mãos livres, vaporizadas ou metralhadas pela chuva, impávidos. O general Mouton de Loban, há um século escorraçou os manifestantes, na praça Vendôme, molhando-os com uma bomba de incêndio. O que teve tão bom efeito no reinado de Luiz Filipe, não dispersaria agora nem mesmo as «midinettes». Elas amam a água, a sua irmãzinha água. Não por ternura franciscana, nem pelo amor ao Criador e à sua criação... Nem mesmo por panteísmo porque nem mesmo sabem o que isso é. Simplesmente porque gostam daquela frescura picante e acariciadora nos seus rostinhos atrevidos e nos seus impermeáveis, porque com o impermeável é divertido e desportivo avançar contra o vento e cortar com o narizito os fios frios e cristalinos que caem das nuvens. Enquanto aos rapazes é maravilhoso vê-los! Sobre os cabelos lacados, as gotas

de água rolam sem parar, sempre redondas. Explicar-se-á de mil modos o abandono do guarda-chuva, mas é agradável constatar na decadência daquele objecto, que simbolizou a prudência, a circunspecção, a timidez, virtudes e vícios da idade avançada, a revelação duma alma nova, atrevida, valente e independente. É preciso desafiar o céu, como a vida, amar as sensações violentas, ficar firme debaixo da tempestade. Um professor da Sorbonne explicava recentemente que dava melhores notas aos estudantes, que lhe davam uma resposta errada mas pronta, do que aqueles que com a maior lentidão rebuscam uma solução certa, no fundo da memória. «A grande virtude moderna — diz elle — é a decisão.»

Arte moderna

Uma interessante anedota tem feito nos últimos tempos as despesas da conversação dos ambientes artísticos de Nova-York, a propósito do concurso Altman cujo prémio de pintura 500 dólares, foi dado ao quadro. «A procura de fósseis do ultra-modernista americano, Edwin».

O quadro é rico de cores e adivinha-se que deve conter qualquer obscuro simbolo, mas o lado tragi-cómico é constituído pelo facto, que só depois de lhe ser atribuído o prémio, o júri viu que tinha sido pendurado de maneira que a parte superior se encontrava á esquerda e a inferior á direita, foi sómente quando os serventes dependuraram o quadro, para o levar ao fotógrafo, que o erro se descobriu. Tornado a pendurar o quadro, desta vez na posição em que devia estar, todos os presentes, jurados compreendidos, ficaram desiludidos, todos acharam que era melhor na primeira posição. As figuras principais uma mulher e uma pequena ficaram com a cabeça para baixo procurando em vão os fósseis, e perderam a atitude de calma e de repouso que apresentavam quando estavam deitadas.

De mulher para mulher

Daisy: São efeitos do seu coquetismo durante o Carnaval. Quem a mandou «flirtar» tão assiduamente com esses três rapazes? Agora escolha o que mais lhe agrada e se como diz acha ainda cêdo para se prender livre-se de todos. Mas é uma lição para não «flirtar» tanto.

Sempre: Nada se pode afirmar e sempre é muito. No entanto é preferível que assim pense, do que como muitas raparigas, esteja já a pensar em variar. O pedido deve ser feito pela mãe do noivo, podem oferecer um jantar nesse dia. As maiores felicidades.

Violeta: Um vestido em setim preto é sempre bonito e está bem em todo o género de «toilettes», é muito práctico e dá sempre bom efeito.

Bibé: Uma prenda sempre bem accete e bonita, é uma bela carteira com o monograma em ouro. Faça o vestido em «crêpe georgette» cor de rosa, é muito fresco e fica muito bem ao seu tipo.

Emigrados do passado

O «Figaro» publicou uma carta inédita de Caterina II, imperatriz da Rússia, que diz respeito aos emigrados franceses. Foi dirigida ao conde de Provença depois Luis XVIII. Eis o mais importante: «Senhor meu primo. O duque de Richelieu entregou-me a carta que Vossa Alteza Sereníssima quiz escrever-me, com data de 29 de Outubro passado. Ainda que já conhecesse os alfitivos particulares da desagradável posição dos emigrados franceses, o quadro que me fazeis do seu estado actual, comoveu-me vivamente. Tendo

sempre feito justiça á dedicação daquela desventurada nobreza, sustentei-a o mais que pude e os meus votos sinceros têm sempre acompanhado os seus esforços. Compreendo que os revezes da última campanha, junto a tantos sofrimentos tenham esmagado a sua perseverança, mas não quero recusar-me á esperança que a monarquia francesa se levante sobre as ruínas da anarquia e do jacobinismo, em seguida aos duplicados esforços que as potências coalizadas tencionam fazer na próxima primavera. Se no entanto as tristes circuntâncias que rodeiam os emigrados, a falta de meios e o acolhimento no qual se encontram tornarem insustentável a sua posição estou pronta a aderir aos desejos expressos na carta de Vossa Alteza Sereníssima e de lhes conceder asilo no meu império. Entreguei ao duque de Richelieu um plano, que contém as minhas instruções e disse-lhe para vo-lo comunicar...»

Esta carta tem a data de 7 de Dezembro de 1792.

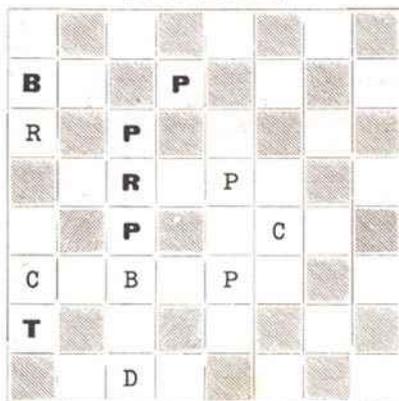
Arvores do Natal

Foi terrível nos bosques da Alemanha, o corte de pinheiros, simbolo indispensável do Natal. Milhões de árvores foram errancadas ao nativo bosque perfumado, para alegrar as famílias alemãs. É um verdadeiro martírio dos inocentes. Mas é sabido que quando o homem está em festa os reinos animal e vegetal que lhe estão á mão, estão de luto pesado. Berlim salientou-se no gasto de pinheiros. Calcula-se em 750.000 os pequenos pinheiros que 500 vagons conduziram á grande metropole. Costumavam ser os grandes fornecedores da capital os bosques de Harz. A maior parte das árvores de Natal vieram do Holstein, enquanto que as de farta cabeleira prateada continuam a ser expedidas da Alta Baviera. Apesar do excessivo frio, as festas foram passadas com a alegria e entusiasmo, que os pinheirinhos deram á criançada de Berlim.



Problema de xadrez

(De G. M. Fuchs)



Branças 7 Pretas 6
As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Problema de bridge

Espadas — 1, 7.
Copas — 6, 5.
Ouros — 4, 3.
Paus — A, R.

Espadas — V. N Espadas — A.
Copas — D. D. D.
Ouros — V. O E Copas — 8.
Paus — D. 9, 7, 3, 2. S Ouros — 9, 8, 6.
Paus — V. 10.

Espadas — —
Copas — R.
Ouros — R, 7, 2.
Paus — 8, 6, 5, 4.

Trunfo é copas. S' joga e deve fazer 6 vasas das 8, seja qual for a defeza.

(Solução do número anterior)

Este problema, bastante simples, apresenta, contudo, uma situação interessante

Obrigado a cortar o az de copas, S' encontra-se com um trunfo a menos do que O. Deve, pois, obrigar O a deitar um dos seus trunfos sobre uma carta qualquer e debaixo dum trunfo de N. Consegui-lo-há jogando da seguinte forma:

S	O	N	E
R espadas	4 espadas	5 espadas	2 espadas
A paus	2 paus	6 paus	V paus
10 paus	3 paus	R paus	D paus
9 paus	9 copas	R copas	2 copas
2 ouros	4 paus	8 paus	3 copas
4 ouros	5 paus	7 paus	4 copas
D ouros	3 ouros	7 ouros	10 ouros
A ouros	8 ouros	9 ouros	6 ouros

S' joga depois o 5 de ouros, N' faz o Az de espadas e S' as três cartas de espadas.

Seguro contra a chuva...

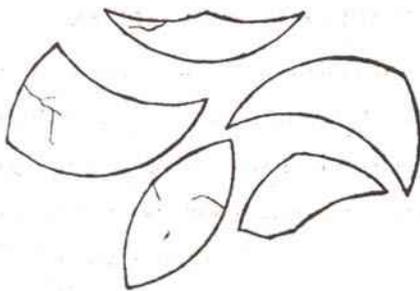
Os caminhos de ferro holandeses acabam de criar um seguro (facultativo) contra a chuva. Mediante um suplemento de ro 10 sobre o preço do bilhete, o viajante tem o direito de renunciar à viagem e reclamar o reembolso do seu dinheiro, se por ventura vier a chover no dia em que o bilhete tivesse de ser utilizado.

Pensamento

As pessoas de verdadeiro talento dizem muita coisa empregando poucas palavras: as outras têm o dom de falar muito, para não dizerem nada.



O prato quebrado



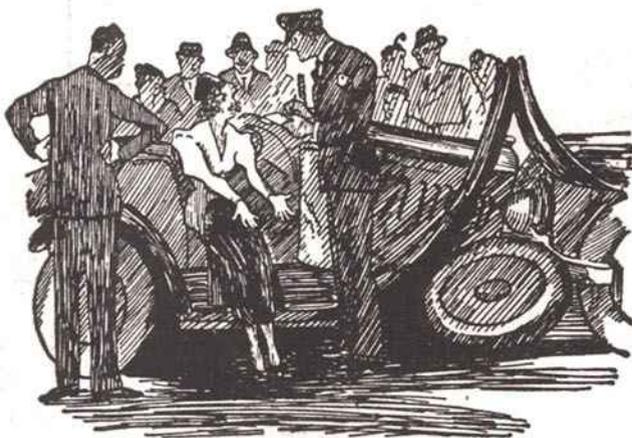
Aqui lhe apresentamos um prato que teve a desgraça de cair no chão e de se fazer em cinco pedaços.

Com um pouco de paciência o leitor poderá recompor este disco de louça, pondo-o outra vez como novo. Ora queira experimentar.

Testamento original

Ha pessoas cuja única preocupação é dar que falar, e quando não podem celegriizar o nome em vida, contentam-se em torná-lo conhecido por qualquer excentricidade, quando morrem. Mistress Jane Hullad, era uma senhora que tinha grande predileção pelas corridas de cavalos, onde nunca faltava. Morreu ha pouco tempo, em Leeds, e determinou que o seu corpo fôsse incinerado e que as suas cinzas, fôsem espalhadas, num dia de corridas na pista do hipodromo de Wetherby, devendo seus filhos e parentes assistir às corridas e apostar no cavalo favorito de cada prova. A última vontade da inglesa foi cumprida filmente, e os filhos e parentes ganharam as apostas, indicadas pela defunta.

O espírito inglês



—O automóvel não é meu... nem tenho licença de guiar... por isso lavo as minhas mãos deste assunto... (Do Judge).

Palavras cruzadas

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I	E	U	A	R	E	T	U			
II	M	I	U	R	A	V	I	A	S	
III	I	M	A	R	C	A	M	O		
IV	L	U	A	N	D	A	P	A	S	
V	I	R	H	I	P	O	N			
VI	A	M	A	L	A	S	C	A		
VII	P	I	L	I	O	N				
VIII	B	E	R	A	P	O	R	C		
IX	O	R	A	C	I	R	A			
X	N	A	T	O	A	L	H	A	S	

Verdadeiros bonecos animados

A imprensa norte-americana dá a sensacional notícia de que o Instituto Tecnológico de Massachusetts resolveu a construção de autómatos dotados de reacções equivalentes ás elementares da psicologia humana.

Os autómatos terão «cérebros foto-eléctricos» o mais parecidos ás inteligências normais. Os engenhosos mecanismos destes novos autómatos são invenção de um engenheiro norte-americano, Norman Krim.

Perante os colegas de electrotécnia reunidos em assembleia, Norman Krim explicou que se poderia construir «homens mecânicos» com uma espécie de «pensamento rudimentar», por cerca de 3.500\$00 em moeda portuguesa.

A origem da mulher

É interessante a lenda hindu da origem da mulher. Ei-la:

«Troashtri, o Deus Vulcano da mitologia hindu criou o mundo, depois o homem, os animais e as plantas. Quando quis criar a mulher, viu que tinha esgotado já todos os materiais. Ficou perplexo, mas, depois de muito meditar encontrou a solução e, assim, foi tirando: da lua, a sua redondeza; da serpente, a curva ondulosa; das plantas trepadeiras, o gracioso movimento; o leve tremor da relva e a delicadeza do caniço; o avcludado das pétalas das flores e a leveza das penas; o doce olhar da corça, o brilho do raio do sol e as lágrimas da núbem; a inconsistância do vento, a timidez da lebre, a vaidade do pavão. A dureza do diamante, a crueldade do tigre, a astúcia da raposa, o frio da neve, o calor da chama, a bondade e o arrulhar da pomba. E, de tudo isso, surgiu a mulher!»

Ofrendas ao Pontifice

Pio XI recebeu recentemente alguns presentes deveras curiosos. Um deles é um busto do Sumo Pontifice esculpido num grão de arroz. Para se distinguirem as feições é necessário empregar uma lente. Essa obra-prima é da autoria dum chinês recentemente convertido ao Cristianismo. Outro presente, vindo do Japão, é uma sotaina tecida por bichos de seda. Para conseguir tão estranha tarefa, foram os bichos de seda dispostos sobre uma mesa e obrigados, por meio de pausinhos, a moverem-se em determinadas direcções para assim a poderem tecer.

ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se á venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABLECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

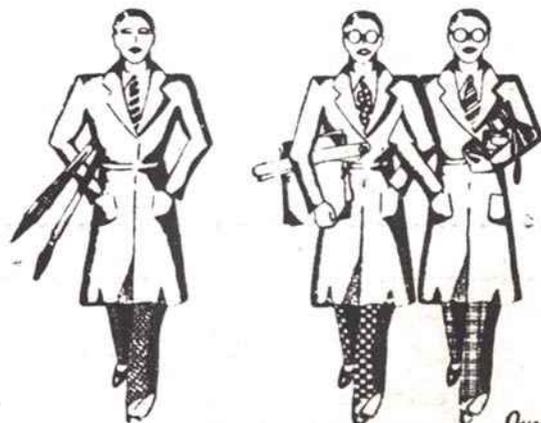


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



Agencia

TELEFONE

21308

BERTRAND

IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc..... **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, R. Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00, br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o **SEXO FORTE**

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuratra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. . . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemel. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, allás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00

Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br....	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br....	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
(S. A. R. L.)

Excursões ao Algarve

durante os meses de Fevereiro e Março
época das

AMENDOEIRAS EM FLÔR

PARTIDAS

de LISBOA-T. do Paço

ITINERÁRIO (via Sado):

LISBOA — Vila Rial — Lagos
ou
— Lagos — Vila Rial
e VOLTA

com direito a paragem, à ida e à volta, em tôdas as estações algarvias além de Tunes.

Bilhetes válidos durante
10 DIAS
improrrogáveis

devendo a viagem de regresso, da última estação algarvia de paragem, iniciar-se até às 24 horas do 10.º dia de validade.

Preço por passageiro:

em 1.^a classe . . . **169\$**
» 2.^a » . . . **125\$**

do PÔRTO

ITINERÁRIO (via Norte-Sado):

PÔRTO — Lisboa — Vila Rial — Lagos
ou
— Lisboa — Lagos — Vila Rial
e VOLTA

com direito a paragem, à ida e à volta, em Lisboa e em tôdas as estações algarvias além de Tunes.

Bilhetes válidos durante
12 DIAS
improrrogáveis

devendo a viagem de regresso, da última estação algarvia de paragem, iniciar-se até às 24 horas do 12.º dia de validade e não podendo a partida de Lisboa fazer-se depois do 13.º dia.

Preço por passageiro:

em 1.^a classe . . . **316\$**
» 2.^a » . . . **228\$**

A travessia da Capital é de conta dos Srs. Passageiros

O prazo de validade começa a contar-se no dia da venda

Aos portadores destes bilhetes permite-se a utilização dos combóios rápidos, mediante pagamento das taxas de velocidade.

E' permitida a mudança de classe como se o passageiro fôsse portador de bilhete da Tarifa Geral.

Estes bilhetes não dão direito a transporte gratuito de bagagem registada.

Em tudo o mais regulam as condições da Tarifa Geral.

Estes bilhetes estarão à venda desde 1 de Fevereiro até 15 de Março nas Estações de Lisboa-Rossio e Lisboa-T. do Paço e na do Pôrto.

Lisboa, 27 de Janeiro de 1934.

O Director Geral da Companhia — A. de Lima Henriques

As melhores obras de JULIO VERNE

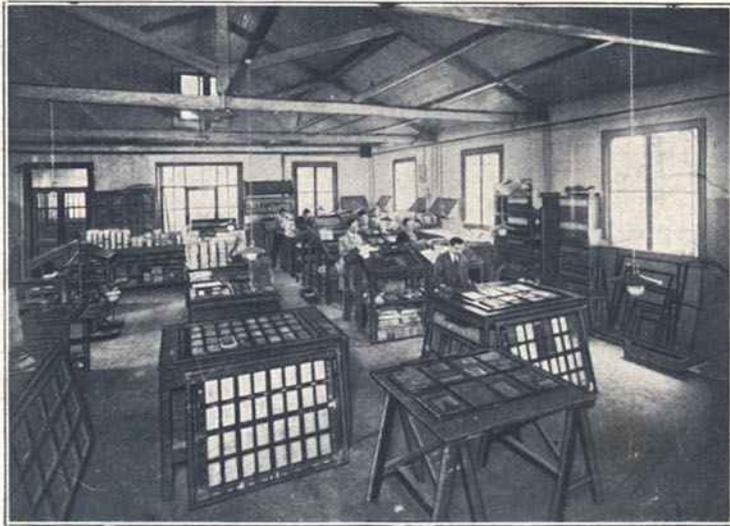
Colecção de viagens maravilhosas aos mundos
conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—A RODA DA LUA, 1 vol.
- 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo.* 1 vol.
- 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
- 7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.
- 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul.* 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional.* 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico.* 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas.* 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar.* 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar.* 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado.* 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha.* 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar.* 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão.* 1 vol.
- O PAIS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860.* 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante.* 1 vol.
- 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
- 22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico.* 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa.* 1 vol.
- 25—O DOUTOR OX, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal.* 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África.* 1 vol.
- 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
- 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
- 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante.* 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada.* 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível.* 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação.* 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
- 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
- 42—O RAIOS VERDE, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari.*
- 44—2.ª parte—*O regresso.* 1 vol.
- 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
- 46—OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio.* 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux.* 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente.* 1 vol.
- 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
- 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
- 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar.* 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justical* 1 vol.
- 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida.* 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil.* 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor.* 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan.* 1 vol.
- 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente.* 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo.* 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos.* 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe.* 1 vol.
- 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
- 66—EM FRENTE DA BANDEIRA
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões.* 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
- 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro.* 1 vol.
- 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel.* 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor.* 1 vol.
- 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
- 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
- 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
- 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
- 79—O FAROL DO CAPO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



Oficina de composição

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

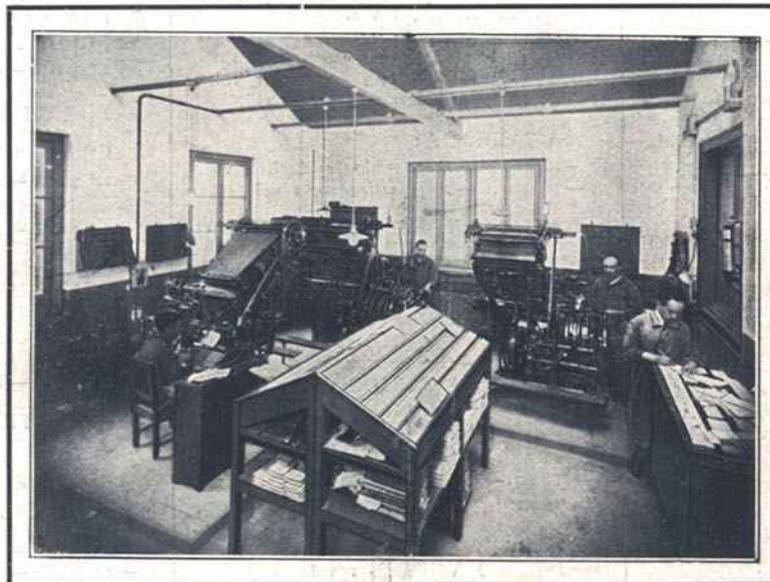


LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

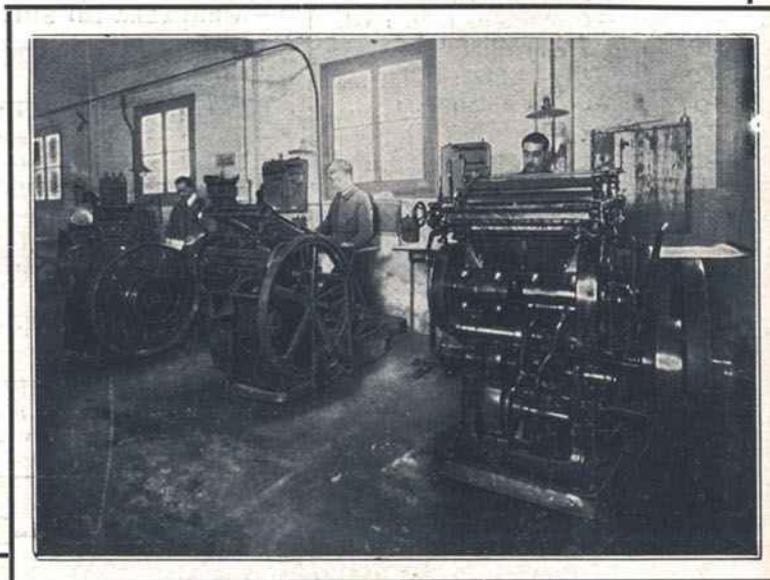
TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica



Oficina de impressão

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA



É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura